



**ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**ENEIDA SANTANA DOS SANTOS DE OLIVEIRA**

**OS SUJEITOS APRENDENTES, AS APRENDIZAGENS E A  
EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE: INTERSECÇÕES E ANÁLISES.**

**SALVADOR**

**2017**

ENEIDA SANTANA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à **Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública**, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia, sob a orientação da professora Jozélia de Abreu Testagrossa.

SALVADOR

2017

## INTRODUÇÃO

Durante a história da humanidade, muitos estudiosos buscaram explicar o que faz com que algumas pessoas aprendam e outras não. É óbvio que essa discussão não se restringe a alguns poucos motivos, daí a diversidade de teóricos e linhas de análises.

A resposta, entretanto, não depende exclusivamente das técnicas que serão empregadas para descobrir por que a aprendizagem não acontece, ou acontece de forma lacunada com alguns sujeitos.

O que de antemão precisa ser investigado é o ser. O que este apresenta como sintomatologia. Quais as dificuldades emergentes. Como ele tem demonstrado que não aprende. O que ele já assegura para a interseção série/idade. Como ele se comporta frente o saber, a escola e as dificuldades que o atinge.

Mas como fazer para ter essas informações? O passo é realizar uma avaliação diagnóstica para compreender o que se passa com esse ser aprendente. Para tal empreitada, faz-se necessário que se eleja uma linha de investigação e que esta tenha uma base de sustentação teórica fundamentada em estudos comprobatórios e práticas comprovadas. É claro que isso não assegura a eficácia da metodologia que será utilizada, mas cria uma confiabilidade.

No presente trabalho, a linha adotada é a Epistemologia Convergente criada por Jorge Visca, que toma de empréstimo as teorias de Freud, Pichon-Rivière e Piaget. Além destas, apoia-se em estudiosos que já discutiam as dificuldades de aprendizagem e o sujeito aprendente.

A fundamentação da Epistemologia Convergente, como o próprio nome diz, baseia-se no entendimento de que a pessoa emprega a cognição, o afetivo e o social em sua vida, o que comprova que o sujeito não é fragmentado e que todos esses aspectos interferem na sua aprendizagem ou não aprendizagem.

Além dos aportes teóricos, também serão apresentados os passos de uma avaliação diagnóstica, que teve como sustentação as técnicas propostas pela Epistemologia Convergente. A concepção de que o sujeito aprende em processo foi aplicada coerentemente a partir do momento que levamos para a prática toda a teoria estudada durante o curso. É aprender planejando, executando, avaliado e resignificando.

A prática aconteceu na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como parte prática do Curso de Especialização em Psicopedagogia. Todas as sessões ocorreram no Serviço de Psicologia da referida Instituição, sob a supervisão da professora/orientadora Jozélia de Abreu Testagrossa.

## ELOGIO DO APRENDIZADO

*Aprenda o mais simples!  
Para aqueles  
Cuja hora chegou  
Nunca é tarde demais!  
Aprenda o ABC; não basta, mas  
Aprenda! Não desanime!  
Comece! É preciso saber tudo!  
Você tem que assumir o comando!*

(...)

*Não se envergonhe de perguntar, camarada!  
Não se deixe convencer  
Veja com seus olhos!  
O que não sabe por conta própria  
Não sabe.  
Verifique a conta  
É você que vai pagar.  
Ponha o dedo sobre cada item  
Pergunte: O que é isso?  
Você tem que assumir o comando.*

Bertolt Brechet

A aprendizagem significativa tem sido objeto de estudo de muitos educadores, cientistas e teóricos da área de educação. Mas, afinal, o que é mesmo aprendizagem? Todos os sujeitos aprendem da mesma forma? Há um método mais eficaz para o aprendizado? Há pessoas que não podem aprender? São questões que são investigadas e discutidas em ampla escala.

A aprendizagem é uma construção expressiva que se realiza simultaneamente por uma tomada de consciência do aprendiz, do potencial que possui e de um caminho para construir esse aprendizado.

Ora, se todos esses aspectos não estiverem muito bem assegurados, é óbvio que teremos um obstáculo nesse percurso.

É verdade que a aprendizagem é um processo complexo que iniciasse desde o primeiro contato do sujeito com o mundo. Esse processo passa pela interligação entre mãe e filho, criança e família, sujeito e comunidade, educando e escola, cidadão e sociedade. A aprendizagem é, por isso, um processo intrapsíquico, em concordância com o axioma interacionista.

*A aprendizagem é, então, uma construção que também se produz num nível de integração psicossocial, o qual representa, além*

*disso, a conduta mais econômica possível, na medida em que implica a disponibilidade de respostas prontas.* (VISCA, 2015, P.11)

Observa-se, assim, que todo esse processo é interacional, ou seja, há uma relação do aprendente, dentro de um ambiente, com uma outra pessoa ou grupo/comunidade e, a partir dessa interação inicia-se/transforma-se o aprendizado. Por que se transforma? Porque o sujeito para aprender depende de uma estrutura que já traz informações, ele parte de um conhecimento e o ressignifica.

Piaget, em *Psicologia da Inteligência*, corrobora a ideia, quando expressa:

*Toda conduta trata-se de um ato implantado do exterior ou interiorizado em pensamento e apresenta-se como uma adaptação ou, melhor dizendo, como uma readaptação [...] o equilíbrio encontra-se, momentaneamente, rompido entre o meio e o organismo, e a ação tende a restabelecer esse equilíbrio, quer dizer, precisamente, a readaptar o organismo [...].* (PIAGET, 1976, p. 14).

Para Visca (2010), a construção da aprendizagem acontece em espiral, logo os vínculos, valores, cultura e aprendizagem sistemática vão evoluindo ao longo da vida do sujeito cognoscente, sem desaparecerem, entretanto, modificando-se; o que foi aprendido continua fazendo parte da história, mas pode ser reelaborado, dando novos sentidos às aprendizagens. Sendo assim, os vínculos aprendidos no grupo familiar (protoaprendizagem) podem se alterar; os valores aprendidos na comunidade (deuteroaprendizagem) podem ser transformados; as aprendizagens de processo podem ser ampliadas, aperfeiçoadas; as aprendizagens sistemáticas podem ser resgatadas, desenvolvidas e aprofundadas.

O ato de aprender, pela sua complexidade, depende de vários fatores. E se forem levadas em consideração as possibilidades desse sujeito modificar-se o tempo todo, deve-se pensar em quais aspectos são acionados nesse processo. Nesse instante, o sujeito ativa a cognição, mas não se cristaliza nela; encaminha-se para o aspecto afetivo/emocional, penetra no social e estende-se por meio do cultural. Afinal estamos falando do sujeito aprendente como ser histórico, social e singular.

E, a partir dessa concepção, percebe-se o quão multifacetado é o aprender. Se levarmos em consideração que esse sujeito nem sempre encontrará condições favoráveis para a aprendizagem, perceberemos que muitas vezes esse, que deveria ser um processo natural, progressivo e satisfatório, torna-se um obstáculo para o crescimento desse ser.

É claro que as pessoas não aprendem do mesmo modo. O sujeito é singular, portanto o seu processo é específico, não pode ser comparado a nenhum outro, já que a sua história, a sua capacidade, o seu nível de desenvolvimento, são peculiares. Sendo assim, fica evidente que cada pessoa aprende a seu tempo, do seu modo, de sua forma e ritmo, portanto se deve levar em conta as possibilidades prévias de cada um.

Se pensarmos nestas questões, faremos também a análise de como esse sujeito relaciona-se com a aprendizagem. Quais são os vínculos criados entre o sujeito e o aprender, o sujeito e o outro, entre o ser aprendente e o conhecimento assistemático e sistemático.

Pichon-Rivière, em *Teoria do Vínculo*, apresenta a necessidade do sujeito criar laços com o aprender, com o espaço de conhecimento e também com o ser da relação de aprendizagem. Não é à toa que as relações afetivas são tão importantes em qualquer situação interpessoal e psicossocial. O prazer de aprender, então, torna-se fundamental para o sujeito aprendente, visto que desse nasce o desejo das descobertas, da aquisição do conhecimento, da possibilidade de desenvolver-se e criar um vínculo com o saber. Logo, todo ser humano acha-se transversalizado por uma rede particular de vínculos e significações em relação ao aprender.

Mas e se o sujeito não aprende? O que pode estar acontecendo? O que está impedindo esse sujeito de adquirir as condições necessárias para esse aprendizado? É uma questão interna ou externa?

Analisando as questões da aprendizagem, percebemos que esse processo pode vir imbuído tanto de aspectos internos quanto de externos. Ou seja, a dificuldade de aprendizagem pode estar no sujeito e/ou em uma situação externa que o impede de aprender. De que ordem é o obstáculo: epistemofílico, funcional, epistemológico ou epistêmico. É difícil imaginar que um não esteja relacionado com o outro, visto que interesse, desejo, necessidade, motivação, muitas vezes vêm atrelados às condições de aprendizagem, aos aspectos econômicos e sociais, às metodologias utilizadas pelas escolas.

A investigação é o próximo passo para que possamos entender quais os aspectos promotores do bloqueio de aprendizagem. Partimos do sintoma-problema para encontrarmos a causa. Esse sintoma traz consigo informações que serão fundamentais para o diagnóstico e possível acompanhamento do sujeito com dificuldade de aprendizagem.

É necessário deter-se em investigar qual é a posição do sujeito cognoscente frente aos segredos, frente ao não dito, frente à diferença e à distância que há entre o aprender e o não aprender, já que aí se encontra o que provoca a fratura ou o sintoma.

Segundo Alícia Fernandez:

*Não se pode interpretar um problema de aprendizagem em sua generalidade, sem saber em que lugar está enganchando, e para isso necessitamos observar o funcionamento cognitivo.*  
(FERNANDEZ, 1991, p.42).

Para que possamos discutir a não aprendizagem, o porquê do sujeito não aprender, e todas as ações que deverão ser realizadas para se entender o que é necessário para mudar tal processo, é preciso ter uma base teórica que nos dê suporte, que possa conduzir as ações do profissional que se dispõe a atuar na Psicopedagogia.

Entendemos, portanto, a importância de um conhecimento teórico que nos possibilite entender a aprendizagem, baseada em uma metodologia que possa auxiliar uma prática que seja condizente com a investigação, diagnóstico e intervenção coerentes no entendimento de como o sujeito aprende, quais as competências que já garante, e quais as suas fragilidades.

*Isso significa dizer que precisamos nos apropriar, através da teoria e da metodologia, da forma como esse conhecimento é adquirido pelo sujeito, para entender melhor como acontece a aprendizagem, qual o papel que as estruturas cognitivas, sociais e afetivas desempenham, para que este processo se concretize no sujeito de forma satisfatória, proporcionando o ato de aprender.*  
(PEREIRA, 2010, p. 8)

Para tal, a nossa formação foi apoiada pela **Epistemologia Convergente**. E em que consiste essa teoria? Em uma conceituação de aprendizagem e de suas dificuldades em função da integração das escolas psicanalítica, piagetiana e Psicologia Social de Enrique Pichon-Rivière. Com base nesses três princípios, é possível entender como o sujeito aprende levando em consideração os aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Essa teoria é o resultado da assimilação recíproca de conhecimentos fundamentados no construtivismo, no estruturalismo e no interacionismo. Portanto, a Epistemologia Convergente no estudo da aprendizagem requer a presença da competência de várias áreas de conhecimento para possibilitar o olhar dinâmico ao aprendiz e à aprendizagem, que também são dinâmicos.

Se pensarmos no domínio de diversas áreas e a expertise das conduções a partir de todos esses saberes, precisaremos buscar uma formação específica, detalhada e estruturada desse profissional que deverá lidar com o sujeito com

dificuldades de aprendizagem e a base teórica para a avaliação e as intervenções que se façam necessárias.

O psicopedagogo deverá avaliar o sujeito cognoscente levando em considerações os seus saberes, o seu nível de desenvolvimento cognitivo, seus vínculos com a aprendizagem e acima de tudo a sua possibilidade de deslocamento. É óbvio que tudo isso dependerá da condução que será dada nesse primeiro momento.

Para avaliar, é preciso ter o conhecimento que permita olhar o sujeito como um todo e também os detalhes. Escutar para além do significado das palavras: os ditos e os não ditos, ler o latente através do emergente, a fim de articular os elementos observados e as possíveis maneiras desse sujeito aprender.

Faz-se necessário, ao psicopedagogo, despir-se de todos os preconceitos e buscar as explicações nos aspectos observados e construídos durante o processo de avaliação. É tendência do ser humano criar antecipações. Mas, para o psicopedagogo, isso só deve ser feito com base em elementos possíveis de serem observados e analisados, ou seja, baseado nos elementos 'apresentados' pelo sujeito, o que Pichon chamou de sujeito em situação. O aprendiz deve ser visto como ele é, e não como o conhecimento do avaliador acredita que ele seja.

Segundo Laura Monte Serrat,

“... olhar, escutar, silenciar, levantar hipóteses, utilizando recursos para valorizar a aprendizagem, são ações necessárias em uma avaliação, através da qual, por meio de indicadores visíveis, pretende-se compreender um funcionamento que não é visto objetivamente, entretanto encaminha ações para o aperfeiçoamento, aprofundando as condições de aprender.”  
(MONTE SERRAT, 2012)

A Epistemologia Convergente afirma que se conhece o aprendiz como ele se mostra; a seguir, conhece-se seu modo de aprender, suas capacidades, habilidades e limitações; ao final se conhece a sua história. E para todos esses níveis de conhecimento foi criada uma técnica que investigará cada uma dessas etapas.

Começar um acompanhamento de um sujeito tomando como base a Epistemologia Convergente pressupõe um caminho determinado. Ou seja, a prática dessa teoria requer uma condução pautada em passos que devem ser seguidas rigorosamente. A primeira delas é o momento da Entrevista contratual, a segunda a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), depois virão a aplicação das provas piagetianas, a aplicação das provas projetivas, a anamnese, e, por último, a devolutiva para a família e o sujeito atendido. O primeiro momento de contato com a família, normalmente, é



o telefônico. E nesse se combina o encontro entre psicopedagogo e pais. Avisa-se da necessidade de não trazer a criança nesse primeiro contato.

A **Entrevista Contratual** é o primeiro contato físico da família com o psicopedagogo. É o momento em que essa traz o motivo pela busca de um atendimento psicopedagógico. No primeiro momento da entrevista, deve ser aplicado um questionário investigativo que colete todas as informações básicas a respeito da pessoa que será atendida e de sua família. Neste questionário deve conter: nome da criança, idade, local onde estuda, se a instituição é pública ou particular, série, idade em que entrou na escola, se houve repetência, se faz atividades fora da escola; nome da mãe, idade, escolaridade, profissão, onde trabalha e função que exerce; as mesmas informações a respeito do pai; endereço da família, se mora mais alguém na casa com eles, se tem irmãos e, idade, escolaridade e onde estudam.

Logo após a coleta desses dados, escutam-se atenciosamente todas as informações trazidas pela família, sem, no entanto, deixar que esta entre em detalhes a respeito da vida da criança/adolescente. Todos esses aspectos históricos devem ser guardados para o momento da anamnese, por isso cabe ao psicopedagogo fazer as devidas sinalizações, caso a família traga algumas especificidades. Pergunta-se, também, se esses mesmos sintomas acontecem em casa e, se sim, com que frequência e há quanto tempo.

Após ouvir os motivos da procura, o psicopedagogo deve apresentar para a família os esclarecimentos a respeito das atividades que serão desenvolvidas com a criança/adolescente. Precisa ficar claro para a família o que será feito durante todo o processo de avaliação: desde a entrevista contratual (que está acontecendo durante a explicação) até o momento da devolutiva. Eles devem saber que serão cinco encontros em que apenas a criança será atendida e neles ocorrerão as provas piagetianas e projetivas. É interessante que se explique à família o que são as provas piagetianas e projetivas; que não são provas escolares, mas, sim, atividades que demonstrarão os níveis cognitivos dessa criança e o seus vínculos com a aprendizagem. Atenção para a adequação vocabular na hora dessa explicação. As explicações deverão ser claras e possíveis de serem compreendidas pelos pais. Falar também a respeito do momento apenas com os pais (anamnese) e da devolutiva – momento em que toda a família deverá estar presente.

A forma de iniciar a avaliação é observar o aprendiz em situação de aprendizagem e, a partir daí, ir levantando algumas hipóteses que vão ser confirmadas ou refutadas no decorrer do processo avaliativo. Essa etapa, na Epistemologia Convergente, recebe o nome de **Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem – EOCA**.

Através da EOCA, investiga-se o modelo de aprendizagem do sujeito, utilizando-se de instrumentos simples e de estruturação clínica. Esse processo

deve ser o mais espontâneo possível, mas ao mesmo tempo deve ser muito bem orientado. É a partir de consignas simples e diretivas que o psicopedagogo deve pedir ao sujeito que aja: “eu gostaria que você me mostrasse o que sabe fazer, o que já lhe ensinaram, o que já tenha aprendido”. Daí em diante, observa-se todas as condutas da criança: seu modo de agir, com iniciativas ou retrações; seu modo de se portar corporal e espacialmente; sua oralidade (caso fale durante o processo); o seu processo produtivo, o produto e os não ditos.

Esse processo é personalizado, extremamente dinâmico e exige do psicopedagogo uma capacidade de observação apurada e criteriosa. O avaliador deve observar os conhecimentos, as habilidades, níveis de operacionalidade, mecanismos de defesa, reações e expressões. Não se espera uma determinada conduta, simplesmente se está defronte de uma situação a descobrir, a revelar.

Como estamos com um sujeito singular, social e humano, deixamos que este se apresente a partir das suas práticas, dos seus saberes, da sua confiança naquele momento. Daí a necessidade da criação de um vínculo com o avaliador desde o primeiro contato. A criança deve se sentir em uma posição confortável para poder agir como desejar. E cabe ao psicopedagogo criar o ambiente adequado. Para tal, desde a chegada da criança no consultório esse vínculo deve ser estabelecido. Como? Através de contato visual, de interações via perguntas como “você sabe o que veio fazer aqui?”; Sabe quem eu sou? Sabe o meu nome? Além disso, deve-se fazer o enquadramento com a criança, ou seja, informar-lhe de tudo que acontecerá durante as suas vindas ao atendimento psicopedagógico. Ela precisa saber o que vai acontecer e sentir-se segura no processo.

De posse de todas as observações feitas durante a EOCA, já é possível criar o primeiro sistema de hipótese. Estas serão baseadas nas manifestações cognitivo-afetivas da conduta em situação de aprendizagem. Com esses dados, está na hora de fazer as escolhas das provas piagetianas e das projetivas para que ratifiquem ou retifiquem as hipóteses levantadas nesse primeiro sistema. Há de se cruzar também os dados coletados nessa situação com os sintomas apresentados pela família.

As provas são selecionadas de acordo com a necessidade surgida em função das hipóteses levantadas na EOCA, quando alguns aspectos não ficam claros ou aparecem como sinais que precisarão ser investigados mais detalhadamente, utilizando outros instrumentos. Observando se a dificuldade de aprendizagem advém de um obstáculo epistêmico e/ou funcional, está na hora de selecionar as **PROVAS PIAGETIANAS**, que terão como função determinar o nível de pensamento, tanto nos aspectos quantitativos quanto nos qualitativos.

A aplicação das provas piagetianas possibilita conhecer as condições, funcionamento e o desenvolvimento das funções lógicas do sujeito. Sua aplicação nos permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação a sua idade cronológica.

Segundo Maria Lúcia Lemme Weiss,

*“O planejamento da aplicação de provas é feito em função do problema apresentado e da ordem de aquisição das noções. Pode-se partir de uma relação aproximada com a idade em que já poderia estar adquirida a noção.”* (WEISS, 2012, p. 111)

São elas,

*Provas de Conservação* – Pequenos conjuntos discretos de elementos (6-7 anos); Quantidade de Líquido e Matéria (6-7 anos); Comprimento (8-9 anos); Peso (8-9 anos); Superfície (8-9 anos); Volume (10-11 anos).

*Provas de Classificação* – Mudança e critério (6-7 anos); Quantificação da inclusão de classe (6-7 anos); Intersecção de classes (6-7 anos).

*Prova de seriação* (6-7 anos).

*Provas espaciais* – Espaço Unidimensional, Espaço Bidimensional, Espaço Tridimensional (8-9 anos).

Estas provas terão alguns aspectos em comum – apresentação do material, a indagação de vocabulário e a delimitação da intencionalidade da prova - e visam constatar se a criança já desenvolveu algumas estruturas cognitivas próprias de cada fase. Ela pode ter uma idade cronológica, e estar em um nível de pensamento anterior/adequado/posterior.

Na aplicação das provas piagetianas, o psicopedagogo deve apresentar as consignas de forma clara e objetiva, isso ajudará o entrevistado a compreender o que está sendo dito e responder de forma mais assertiva. Durante a realização das provas, é necessário ter cuidado com as consignas, pois caso estas sejam produzidas erroneamente, pode-se obter respostas inadequadas. O ideal é que o psicopedagogo leve consigo a “pesca” para ser lida.

Na aplicação das provas piagetianas, devemos lembrar de que, mais importante do que realizá-las, é o uso da argumentação do sujeito para as suas escolhas. É função do psicopedagogo, nesse momento, provocar a argumentação, quer com perguntas provocadoras quer com contra argumentação (com ou sem terceiro elemento).

Ao escolher as provas que serão aplicadas em um mesmo dia, devemos estar atentos para não colocarmos juntas provas que exijam o mesmo tipo de

conduta para que não haja contaminação. Se for utilizar uma de conservação, selecionar outras de classificação, ou seriação, ou espacial.

Também é imprescindível que as anotações do processo sejam detalhadas, já que elas serão muito relevantes para o próximo sistema de hipóteses. O psicopedagogo não deve confiar apenas na memória, deve fazer do registro um hábito na sua profissão. O registro realizado é um importante instrumento para a avaliação e conclusão do diagnóstico. Por isso, todos os detalhes devem ser registrados: linguagem, reações externas, emoções, não ditos, alterações emocionais, passividade etc.

Levando em consideração o objetivo básico das provas: avaliar o nível de construção operatória do sujeito, podemos dividir as respostas em três níveis:

**Nível I** – ausência total da noção, ou seja, não atingiu ainda o nível operatório, indicando uma defasagem.

**Nível II** – as respostas ou condutas expressam vacilação e instabilidade, ou são incompletas. Isto indica nível de transição.

**Nível III** – as respostas demonstram a aquisição da noção, sem oscilação.

Concomitante às Provas Piagetianas, devem ser aplicadas as **Provas Projetivas**. Estas técnicas são utilizadas para detectar o vínculo do sujeito com a escola, com os companheiros/amigos, com a família e a visão que ele tem de si mesmo. Isto é, qual o vínculo que esse sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita e também com as circunstâncias que envolvem a construção do saber. Por serem muito amplas, apresentam uma diversidade de resposta.

Segundo Visca,

*“... não só interessa saber qual é o vínculo que o sujeito estabelece com o docente, a sala de aula, os companheiros e a escola, como também importa a relação com os adultos significativos que lhe oferecem modelos de aprendizagem, e os cenários onde isso acontece; com os colegas fora do ambiente escolar e consigo mesmo, enquanto aprendiz em diferentes momentos de sua vida cotidiana”* (VISCA, 2015, p. 16)

As provas projetivas são concretizadas pelos desenhos. Os desenhos expressos simbolizam, consciente ou inconscientemente, aspectos pessoais até então de domínio apenas do sujeito. É a forma que ele terá para dizer o que sente e como sente. Além disso, através da verbalização, fará uma “leitura” do que projetou. Lembrar apenas que nem sempre o que é dito coincide com o que foi desenhado. E isso não é um problema; é mais um dado para análise.

Nesse tipo de prova os aspectos simbólicos aparecem nas produções gráficas, nos relatos das histórias, na relação entre o desenho e a história produzida e, muitas vezes, naquilo que não foi desenhado nem dito. O que se busca saber é como o sujeito utiliza esses recursos cognitivos para expressar as suas emoções. Como ele nega, omite, extrapola e/ou aprisiona os próprios sentimentos e emoções.

Nesse momento, é importante avaliar o traçado do desenho, o espaço da folha utilizado, as informações presentes, a coerência entre o solicitado e o produzido, características temporais, sequência lógica, características do local e das personagens, bem como elementos desconexos, mas que fazem parte da interpretação dada ao solicitado. Durante essa produção, observar indecisões, trocas de desenhos, uso de borracha, perfeccionismo, desleixo, motricidade e posturas.

As técnicas projetivas são divididas de acordo com aquilo que se quer investigar: vínculo do sujeito com a escola, com a família ou consigo mesmo. Para isso, são classificadas como de *domínio escolar* – par educativo, eu com meus colegas e a planta da sala de aula; de *domínio familiar* – a planta da minha casa, as quatro partes de um dia e família educativa; e de *domínio consigo mesmo* – o desenho em episódios, o dia do meu aniversário, nas minhas férias e fazendo o que mais gosto.

Estas provas são consideradas de grafismo dirigido, uma vez que há uma indicação por parte do entrevistador para o que vai ser desenhado e, posteriormente, historiado. Essa condução é necessária para abrir caminhos para a análise do vínculo afetivo, o cognitivo e o motor, mas predominantemente para o estudo do primeiro. Nessa investigação, busca-se a identificação de vínculos positivos ou negativos com a aprendizagem, no seu sentido mais amplo.

Outros testes e provas podem ser aplicados se o psicopedagogo achar necessário para essa etapa do diagnóstico. Às vezes se faz necessário uma prova de competência leitora ou lateralidade para algum aspecto que apareceu no processo e merece investigação imediata.

Continuando o processo diagnóstico, depois das provas piagetianas, projetivas e as que mais foram necessárias, está na hora da elaboração do segundo sistema de hipóteses. Nele, as questões levantadas no primeiro sistema deverão ser refutadas ou confirmadas e, na maioria das vezes, criados outros questionamentos. Isso facilita a elaboração de linhas de investigação que serão constatadas na anamnese.

Construído o segundo sistema de hipóteses, está na hora de chamar a família ao consultório para que possa ser realizada a **Anamnese**, que investiga as dimensões históricas e o contexto no qual vive o sujeito aprendente. O objetivo

da realização dessa etapa é captar informações do passado e do presente do sujeito investigado. É um dos pontos capitais de uma boa avaliação psicopedagógica.

“A história vital” (nome dado por Sara Paín para a Anamnese) nos proverá de uma série de dados relativamente objetivos vinculados às condições atuais do problema, permitindo-nos, simultaneamente, detectar o grau de individualização que a criança tem em relação à família e a conservação de sua história nela.” (PAÍN, 2008, p. 42)

Na anamnese, o entrevistador deverá pedir à família que fale sobre o sujeito que está sendo avaliado desde o momento do planejamento da gravidez. Espera-se que, a partir dessa consigna, os pais façam uma retomada na história de vida do filho e, por conseguinte, na própria história familiar.

Normalmente, a mãe começa a falar a respeito do histórico do filho e o pai complementa. Dependendo do tipo de postura da mãe, ela pode ser prolixa e detalhista ou também pode fazer um breve relato. Nos dois casos, a postura do psicopedagogo deve ser firme e levar em consideração os objetivos dessa etapa: colher a maior quantidade possível de informações.

Não é interessante fazer da anamnese uma sessão de perguntas e respostas. Esse tipo de conduta engessa as respostas e faz com que os pais limitem-se ao perguntado e não parem para pensar em possíveis informações relevantes e que devam ser apresentadas no processo da entrevista. Tais condições não significam que a entrevista seja obrigatoriamente livre. Há casos em que, pelas características da família e do sujeito atendido, é interessante que a fala seja espontânea. No entanto, os objetivos da entrevista devem ser bem definidos e caso algumas informações básicas não apareçam, é necessário que perguntas sejam feitas. O mais comum nas entrevistas de anamnese é que ela seja semidiretiva, ou seja, parte espontânea parte direcionada.

As pontuações feitas na observação familiar são a respeito da função social da criança e das funções sociais de cada membro da família; as formas de circulação do conhecimento, as normas que regulam as aprendizagens, as resistências, a identidade da família, suas expectativas e conflitos. O que se pretende com toda essa retrospectiva é a relação particular do sujeito com dificuldades de aprendizagem com o conhecimento e o significado do aprender para ele e toda a família.

Todos os dados que forem lembrados pela família nesse momento são de grande relevância, pois indicam como a memória é um elemento do consciente (e do inconsciente) que pode trazer dados das relações de vínculos na família. Saber o que acontece na vida do filho, desde o nascimento até o dia da entrevista, seria algo natural, mas para alguns pais isso tem uma carga muito

particular, pois parece que apagaram, não viveram ou ignoram algumas situações vividas pelo sujeito. Toda anamnese já é, em si, uma intervenção na dinâmica familiar em relação à aprendizagem de vida.

Não podemos esquecer que essa etapa da avaliação nos dará subsídios para a formulação do terceiro sistema de hipóteses e, por isso, também não poderá ser negligenciada. É da análise das informações trazidas na anamnese que obteremos dados para o levantamento de hipóteses sobre a possível origem da sintomatologia do caso.

Feita a anamnese, levantado o terceiro sistema de hipóteses, com as devidas confirmações e as refutações necessárias, está na hora de construir o **Informe Psicopedagógico** e fazer a devolutiva para a família.

Ao final do diagnóstico, o psicopedagogo já deve ter formado uma visão geral do sujeito aprendente. Com base em tudo que viu e ouviu, deve ter compreensão do que acontece com aquele sujeito, sua forma de aprender, o que já garante, quais as suas lacunas, o que interfere na sua aprendizagem, quais os seus medos, obstáculos, e suas possibilidades de lidar com tudo aquilo. Está na hora de escrever um resumo para uso próprio no momento da devolutiva e um, específico, para ser entregue à família. Não é raro, a família solicitar ao profissional que também elabore um informe para a escola. Nesse momento, deve ficar bem claro que as informações contidas em cada laudo devem obedecer às especificidades de cada interlocutor. Não se deve colocar os mesmos aspectos para os dois: à escola, interessa os aspectos cognitivos; à família, todos os elementos que favoreçam a compreensão de como lidar com aquele sujeito.

O informe, por isso, tem como finalidade apresentar, resumidamente, as conclusões a que se chegou depois da investigação, bem como responder a determinados questionamentos trazidos pela família na “queixa”. É interessante apresentar um relato descritivo do domínio corporal, pedagógico, cognitivo e afetivo-social. Os aspectos sintomáticos foram levados em consideração, mas tudo o que foi demonstrado pelo sujeito é que deve ser a mola mestra desse resultado.

Nessas circunstâncias, a hipótese diagnóstica aparece como elemento de resposta ao que foi levantado. A partir dela, cria-se um prognóstico e, por último, fazem-se as recomendações e indicações, caso sejam necessárias.

De posse do informe psicopedagógico, chegou o momento do encontro com a família e o sujeito atendido para a **Devolutiva**. Devolutiva é uma comunicação verbal, em que o psicopedagogo apresenta para a família e o sujeito aprendente as conclusões obtidas ao longo da avaliação. Não é simplesmente o resumo do que foi visto, mas, sim, a oportunidade de dividir com os pais

todas as observações e trazê-los para dentro do processo, ou seja, implicá-los na situação vivenciada pelo filho.

Dependo da faixa etária da criança, ela receberá junto com os pais a devolutiva. Se for necessário, adequar à fala do psicopedagogo ou realizar as devolutivas separadas: no primeiro momento fala-se com os pais e só depois chama a criança para participar da conversa. Quando o cliente é um adolescente, é comum fazer uma devolutiva com ele apenas, e só depois chamar os pais para participar da socialização.

Lembrar sempre que a devolutiva não é um momento isolado do diagnóstico, mas uma parte do processo iniciado com o primeiro contato telefônico. Logo, é imprescindível que nesse momento tudo fique esclarecido, as perguntas sejam respondidas e o clima seja de segurança para todos os participantes.

*“Uma tarefa primordial no diagnóstico é resgatar o amor. Em geral, os terapeutas tendem a carregar nas tintas sobre o desamor, sobre o que falta, e poucas vezes se evidencia o que se tem e onde o amor é resgatável. Sem dúvida, isto é o que importa no caminho da cura.*

*Se no transcurso do diagnóstico ou do tratamento não conseguimos apaixonar-nos por essa vida, nem pensá-la como um drama onde se está jogando esse tipo de coisas que a mitologia põe em um relevo especial, mas que estão em todos os seres humanos, estaremos banalizando o sujeito. Não podemos curá-lo nem entendê-lo. Justamente a possibilidade de curá-lo, ou seja, de fazê-lo surgir como diferente, é facilitar seu trabalho de recriar-se como pessoa interessante. Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento.”*

Sara Paín



## REGISTROS DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

### ENTREVISTA CONTRATUAL

Nome da criança: *MVBG*  
Idade: *07 anos (19/05 faz 08 anos)*  
Escola: *Colégio Lince (Escola Particular)*  
Ano escolar: *3º ano do Ensino fundamental*  
Com que idade a criança entrou na escola: *01 ano e 09 meses*  
Já repetiu de ano? *Não*  
Faz alguma atividade além da escola? *Não*

Nome da **mãe**: *SCB*  
Idade: *41 anos*  
Escolaridade: *Ensino Médio Completo - Magistério*  
Profissão: *Designer de sobrancelhas, micropigmentadora, esteticista*  
Onde trabalha: *Salão de beleza*

Nome do **pai**: *MG*  
Idade: *47 anos*  
Escolaridade: *Ensino Fundamental completo*  
Profissão: *Taxista*  
Onde trabalha: *Dirige na Praça*

Endereço: *São Cristovão*  
Com quem mora? *Pai, mãe, irmã mais velha. O irmão, filho de Sr. M, passa os*

*finais de semana.*

Tem Irmãos? *2 irmãos: um irmão de 20 anos e uma irmã de 19 anos.*  
Escolaridade do(s) irmão(s): *Ensino Médio completo. A irmã fez vestibular recentemente e está esperando o resultado. O irmão não estuda mais.*

Por que a senhora procurou um atendimento psicopedagógico para **MV**?  
*Não acompanha a série, não faz as tarefas. Sempre teve dificuldades na escola.*

Quem solicitou que a senhora procurasse esse atendimento?  
*A escola solicitou uma avaliação com Psicólogo e outra com Psicopedagogo.*

Desde quando isso acontece?  
*3 anos de idade. A escola já sinalizava para a família que a menina não acompanhava o grupo.*

Está acontecendo nos últimos tempos?  
*Sim.*

Acontece também em casa?  
*Sim, só faz as tarefas com o acompanhamento de alguém.*

A criança já foi a algum profissional? Qual?  
*Psicóloga (1º atendimento)*

Quando?  
*Ela tem sessões às quartas, às 17:30. Ela começou a pouco tempo.*

### **Outras observações:**

A mãe afirma que a criança tem facilidade na escrita, mas possui dificuldade na leitura.

Mudou de escola 3 vezes, pois morar em outros bairros. A escola que atualmente estuda e uma que já tinha estudado quando fez 3 anos.

A mãe está perdida quanto às dificuldades da filha. Às vezes, acha que é birra da menina; em outros momentos, percebe reais dificuldades.

A família traz que MV tem habilidades tecnológicas, mas tem dificuldades de aprendizagem formal.

A irmã tinha problemas na escola, mas não era como MV. Apenas conversava muito.

### **Orientações dadas a família:**

O nosso trabalho terá uma finalidade diagnóstica, ou seja, faremos algumas atividades com **MV** com o objetivo de investigar os fatos que a senhora nos apresentou.

Essas atividades acontecerão aqui na unidade de Psicologia, às quartas e sextas, e terá duração de 50 minutos cada.

Além dos atendimentos com **MV**, também faremos um encontro apenas com os pais e um último encontro com toda a família. Ao todo teremos 8 encontros.

O primeiro já está acontecendo hoje (17/05) e os demais acontecerão nos dias:

<b>QUARTA-FEIRA</b> <b>18:30</b>	<b>SEXTA-FEIRA</b> <b>17:30</b>
-----	19/05 (MV)
24/05 (MV)	26/05 (MV)
31/05 (MV)	02/06 (MV)
07/06 (Família)	14/06 (Família e MV)

A nossa rotina será de atividades que possam verificar o que **MV** já garante nessa idade e nessa série. Quais os aprendizados que já foram feitos e quais as dificuldades de aprendizagem que ela tem nesse momento escolar.

Além disso, precisaremos de que a senhora e o pai de **MV** apresentem algumas informações da história de sua filha.

No dia da entrevista com a família, é possível que a senhora e o pai de **MV** venham juntos? *Sim*

No nosso último encontro, precisaremos de todos vocês juntos para que façamos uma devolutiva do que constatamos durante a investigação.

Deixaremos com a senhora o número do telefone daqui do Serviço de Psicologia da Bahiana, (3276-8259) para que a senhora ligue, caso não possa trazer **MV** para algum encontro. Precisamos saber com antecedência para desmarcar e remarcar os horários das sessões.

## ANÁLISE

A família pareceu-nos bastante preocupada com a situação enfrenada pela criança.

A mãe acompanha a educação da filha mais de perto, entretanto o pai se coloca também preocupado com a filha. Diz que ela é tímida e isso pode estar interferindo na aprendizagem, já que impede que ela faça participações na aula e tire as dúvidas. Pergunta se ser tímido interfere na aprendizagem, pois acha que foi isso que fez que ele só estudasse até a conclusão do Ensino Fundamental.

A todo o momento estavam trazendo informações a respeito da garota demonstrando conhecer as suas limitações e posturas. Tranquilos, atentos ao que estava sendo perguntado e preocupados com a situação. Pareceu-nos muito coerentes nas suas percepções e opiniões.

A mãe é mais desenvolta e trazia as informações com mais detalhes. O pai, tímido, mas não limitado.

Mostraram-se disposto a virem para o atendimento, mesmo morando distante: São Cristóvão.

## ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (EOCA)

Nome: <b>MV</b>		Idade: <b>8 anos</b>
Registro	Observações do Pp	
<p>S: (Entra com uma boneca na mão. Senta-se na ponta da cadeira de forma tímida, mas não tem dificuldade para responder ao perguntado. Fica sem jeito com a boneca na mão e a coloca em outra cadeira mais afastada).</p>	Tem iniciativa. Consegue resolver pequenos problemas (?)	
<p>E: “Oi, MV, tudo bem? Eu sou Leila e essa é Eneida. Nós somos psicopedagogas e estamos aqui porque a nossa professora pediu que nós fizéssemos um trabalho com você. Você pode nos ajudar?”</p>		
<p>S: Posso sim.</p>	Responde sem cerimônia.	
<p>E: Sua mãe explicou porque você está aqui?</p>		
<p>S: Disse que era para eu vim aqui e me comportar.</p>	Reproduz o que lhe é dito.	
<p>E: Mas ela te explicou por que você está aqui?</p>		
<p>S: Por que não “tu” fazendo as tarefas, mas já “tu” melhorando</p>		
<p>E: Por que você não estava fazendo as tarefas?</p>		
<p>S: Por que era difícil.</p>		
<p>E: Como assim, difícil?</p>		
<p>S: É que na minha escola tem muita coisa pra ler.</p>	Vínculo negativo com a leitura?	
<p>E: E você gosta da sua escola? O que você mais gosta na escola?</p>		
<p>S: Eu gosto da minha escola. Tenho 3 professoras. Eu gosto de Artes, pintar e desenhar. Mas não gosto de matemática. Sou craque na conta de “mais”. Gosto também de fazer aquilo que é fácil, de escrever as letras.</p>	Vínculo positivo com a escola. Explicita de forma tranquila o que gosta e não gosta de fazer.	
<p>E: Como assim?</p>		

S: Aquele negócio que tem a letra e você cobre...  
Esqueci o nome.

E: Caligrafia?

S: Isso! Isso eu gosto, porque é facinho.

E: Entendi. Agora eu gostaria que você me mostrasse o que você já sabe fazer, o que você gosta ou o que já te ensinaram. Tudo o que está na mesa você pode usar e fazer o que você quiser.

S: (Olha para os materiais em silêncio)

E: Você entendeu?

S: Sim. Eu vou pintar. Vou colorir esses desenhos.

(Levanta-se rapidamente e começa a mexer nos materiais. Pega os desenhos que estão embaixo das revistas e começa a pintar com desenvoltura. Utiliza várias cores e devolve os lápis à caixa organizadamente.)

S: Na minha escola o giz de cera é grande. É uma caixa com lápis grande assim (faz gesto com as mãos para mostrar o tamanho dos lápis)

(Conversa muito enquanto pinta o desenho:  
Fala que, na escola, cada aluno tem um fichário para colocar o caderno; a mochila anda sempre cheia; a professora solicita que use cada material de uma vez; na escola, tem Educação Física, Música, Balé (pago e é caro, segundo ela), Natação, Karatê, mas ela gosta mesmo é de dançar *Xuxa* e *Frozen*. Conta a história do filme *Moana*. Já assistiu ao filme e demonstra, através da narrativa, ter noção de tempo (fala de ontem, e depois diz que foi quarta-feira), noção de sequência e narratividade. Ao falar do filme, a entrevistadora diz que já leu o livro *Moana*. E pergunta para ela se ela prefere ler ou assistir ao filme. Ela prontamente responde que assistir ao filme do que ler um livro. Usa livros para brincar de escola com a boneca. "Não essa, pois ganhei hoje", apontando para a boneca que trouxe e deixou em cima da cadeira. Cita o nome de uma colega da banca e conta que a mesma come cola. Fala de uma forma espontânea e surpresa com a atitude da coleguinha. Ao falar, faz sempre interpretações do dito. Fala também da prima Helô (4 anos), que é arteira; e que o tio não quer que ela carregue a priminha, pois pode derrubá-la. Reclama

Prefere atividades controladas?

Apresentou-se uma menina gentil, inteligente e receptiva às atividades que lhe foram solicitadas.

Demonstra autonomia e iniciativa.

Organizada e cuidadosa com os materiais.

Gosta de conversar.

Desenvolta, extrovertida, comunicativa e aparenta intimidade com todos os objetos que lhe foram apresentados.

das informações dadas pela professora e pela coordenadora. Discorda da informação das duas quando dizem que ela tem mau comportamento. Nesse momento, demonstra aborrecimento. Diz que durante o intervalo pode conversar: “lá é o único lugar que eu posso conversar. Mas diz que “quando a pró está fazendo um deverzinho, a gente conversa”.)

E: Você sabe qual o nome desse boneco?

S: Eu sei, eu sei... mas não lembro o nome dele.

E: Olhe bem a figura, veja se não tem alguma pista do nome dele.

S: É aquele que o nariz cresce quando ele mente. Reações corporais ao ser perguntada. Ela gesticula muito quando conta a história do personagem e faz as vozes também.

E: Isso. Você lembra o nome dele?

S: Pinóquio!

(Olha novamente a imagem e lê o nome Pinóquio que se encontra na folha.


Fala do filme *Shrek* referindo-se à personagem Pinóquio.

Quando termina de pintar o desenho de “Pinóquio”, vai até os materiais e pega uma folha rosa. Diz que gosta muito de rosa.)

E: Na escola você pinta e desenha muito?

S: Na escola, eu não desenho; eu estudo.

E: Entendi. E eu tô vendo que você já sabe colorir. Tem mais alguma coisa que você queira me mostrar?”

S: Sim. Eu vou escrever um livro para a *Barbie*. Vou escrever assim  , pois ela não vai entender nada mesmo!

(Pega a tesoura e recorta o papel com habilidade (boa coordenação motora fina), usa a régua para auxiliar o corte reto. Depois de cortado, une as partes com durex, faz um círculo no meio com o auxílio do formato do durex e depois utiliza a cola para complementar o “livro da *Barbie*”)

Ainda não compreende o motivo (o excesso de conversa) de ser “chamada atenção” pela professora e coordenadora?

Consegue explicar algo quando lhe falta uma palavra.

Apresentou nesse primeiro momento um raciocínio lógico-matemático desenvolvido para a idade, com noção de sequência, tempo e espaço bem definidos.

Coordenação motora fina também bem desenvolvida.

<p>E: MV, nós só temos mais 10 minutos. Tem mais alguma coisa que você queira me mostrar?”</p> <p>S: Eu também sei ler!</p> <p>E: Você quer me mostrar como você sabe ler?</p> <p>S: Sim. (começa a ler) (Pega um livrinho da Rapunzel e lê com desenvoltura, fazendo inferências a respeito das imagens presentes no livro. Quando não sabe a palavra, soletra em voz baixa. Ao soletrar, tem dificuldade com a palavra, e busca cumplicidade com o olhar.)</p> <p>E: Você gosta de ler livro grande assim?</p> <p>S: Não, pois tem muita coisa e a minha boca fica seca, pede água.</p> <p>E: Você gostaria de botar um nome no seu desenho?</p> <p>S: Sim. (coloca o próprio nome “M V”) (Usa a borracha quando escreve o próprio nome com “c”; corrige e reescreve V. Interessante é que a mãe chamou a nossa atenção, pois disse que o nome dela era com o “c”. Arruma todos os materiais antes de sair da sala.)</p> <p>E: Obrigada por ter vindo MV. Nos vemos na próxima quarta-feira, tudo bem?</p> <p>S: Tudo.</p>	<p>Não pareceu ter dificuldade com a leitura. Está em um processo de aprendizagem da leitura e sabe utilizar a estratégia da soletração quando desconhece ou não sabe a pronúncia da palavra.</p>
--	---

## ANÁLISE

MV mostrou-se receptiva e realizou as atividades com disposição, cuidado e atenção. Falou muito durante toda a sessão e não demonstrou timidez ao falar sobre as suas ideias, pensamentos e emoções. Tem boa postura corporal e manuseia os materiais com cuidado e zelo. Tem leitura em nível silábico e utiliza a estratégia da soletração ao encontrar uma palavra desconhecida.

Houve demora na execução da pintura do Pinóquio.

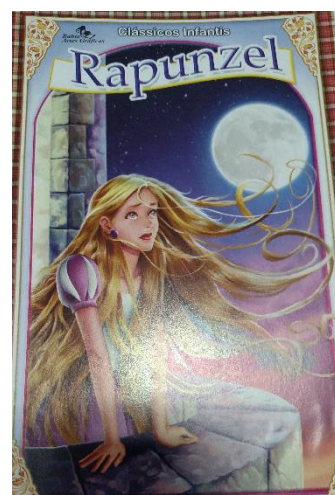


## MATERIAL PRODUZIDO NA EOCA

### PINTURA DO DESENHO



### LIVROS DA BARBIE



## ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

### Em relação à temática (tudo o que o sujeito diz)

1. Fala muito durante todo o tempo da sessão.
2. Verbaliza bem as palavras.
3. Expressa-se com facilidade.
4. Fala de suas ideias, vontades e desejos.
5. Sua fala tem lógica e sequência de fatos.
6. Tem consciência do que é real e do que é imaginário.
7. Conversa com o entrevistador sem constrangimento.
8. Responde a tudo o que lhe foi perguntado.

### Em relação ao produto (é o que o sujeito deixa registrado no papel)

1. Desenha e depois escreve.
2. Sente prazer ao terminar sua atividade e mostrar.
3. Sente-se capaz para executar o que foi proposto.
4. Executa a atividade com tranquilidade.
5. É criativo.

Observação:

Quando fez o livro da Barbie, utilizou

<p>Observação: <u>Muito bem articulada.</u></p> <p><b>Em relação à dinâmica (consiste em tudo que o cliente faz)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sabe usar o tom de voz adequadamente.</li> <li>2. Tem atenção e concentração – pintava bem enquanto falava.</li> <li>3. Tem persistência e paciência.</li> <li>4. Realiza as atividades com capricho.</li> <li>5. Possui hábitos de higiene e zelo com os materiais.</li> <li>6. Sabe usar os materiais disponíveis, conhece a utilidade de cada um.</li> <li>7. Ao pegar os materiais, devolve no lugar depois de usá-los.</li> <li>8. Apresenta iniciativa.</li> <li>9. Possui boa postura corporal.</li> <li>10. Faz brincadeiras simbólicas – ao contar o filme <i>Moana</i>.</li> <li>11. Expressa sentimentos nas brincadeiras.</li> </ol> <p>Observação: <u>Ao perceber que o lápis está sem a ponta, procura o apontador, vai até a lixeira e aponta o lápis.</u></p>	<p><u>o durex como ferramenta para fazer um círculo no papel.</u></p> <p><b>Conclusão:</b> <u>Desenho pintado com capricho.</u> <u>Cuidadosa ao pegar os materiais e ao devolvê-los nos lugares.</u></p>
--	--

## 1º SISTEMA DE HIPÓTESES

- Estágio de pensamento: operatório concreto.
- Desenvolvimento cognitivo está de acordo com a faixa etária.
- Aprendizagem por assimilação.
- Vínculo positivo com a arte.
- Grande desenvoltura ao lidar com os materiais oferecidos, mesmo os relacionados ao ambiente escolar.
- Facilidade de entendimento das consignas.
- Alto grau de atenção e concentração na execução das atividades.

- Apresenta facilidade de comunicação oral, respondendo de forma lógica e sequencial ao que lhe é perguntado.
- Expõe suas ideias, vontades e desejos sem constrangimento.
- Fala muito durante a sessão, demonstrando consciência do que é real e do que é imaginário.
- Demonstra ser criativa, persistente e ter paciência e iniciativa.
- Não apresenta resistência à leitura, e demonstra ter estratégias ao se deparar com alguma dificuldade (palavras novas, vocabulário com dígrafos, palavras grandes)

## PROVAS OPERATÓRIAS E PROJETIVA (1)

Conservação de comprimento		
Registro	Estratégia do Entrevistador	Conduta do Entrevistado
<p>E: <b>Coloca sobre a mesa as duas correntes.</b></p> <p>Você conhece esse material?</p> <p>S: Não. Eu acho que nunca vi isso.</p> <p>E: Você quer pegar?</p> <p>S: Balança a cabeça em sinal afirmativo e pega nas correntinhas.</p> <p>E: São correntinhas. Elas são do mesmo tamanho?</p> <p>S: Uma é maior e a outra é menor.</p> <p>E: <b>Coloca as duas correntes fazendo coincidir um dos extremos:</b> Vamos fazer de conta que são dois caminhos para ir até a aula de dança. Se eu vou por este caminho e você por esse, nós caminharíamos iguais, ou uma caminharia mais e a outra menos?</p> <p>S: Você vai andar mais.</p> <p>E: Como assim?</p> <p>S: O seu negócio é maior e o meu é menor.</p> <p>E: <b>Ondula a corrente mais comprida e as coloca paralelamente fazendo coincidir o extremo de ambas.</b></p> <p>E agora, eu caminharei mais e</p>	<p>Apresentação do material.</p> <p>Criação de um argumento.</p> <p>1ª Modificação do elemento experimental.</p> <p>Pergunta provocadora de</p>	<p>Reconhecimento da diferença inicial</p>

<p>você mais, ou nós caminharemos a mesma distância?</p> <p>S: (Olha para as correntinhas com atenção.) Eu acho que eu vou andar mais.</p> <p>E: <b>Ondula muito mais a corrente mais comprida de maneira que comece juto com a mais curta, mas termine antes.</b></p> <p>Agora, eu vou andar mais, menos ou a mesma quantidade que você?</p> <p>S: Você vai andar mais.</p> <p>E: Como assim? Você pode me explicar?</p> <p>S: Por que você vai subir, subir, subir e depois descer, descer, descer, descer. E eu vou direto.</p> <p>E: <b>Estica o fio ondulado.</b> E agora?</p> <p>S: Você vai andar mais.</p>	<p>argumentação.</p> <p>2ª Modificação do elemento experimental.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>Retorno empírico</p>	<p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta conservadora sem argumentação</p> <p>Justificativa por compensação</p> <p>Reconhecimento da diferença inicial</p>
--	---	--

## ANÁLISE

Observando a conduta de MV durante a prova, percebe-se que ela ainda se encontra em Nível 2 – intermediário (geralmente entre os 6 – 7 anos). As explicações e justificativas são incompletas ou pouco explícitas e instáveis. Nem sempre conserva quando há a modificação do elemento experimental. Estágio de pensamento não correspondente a sua faixa etária (8 anos)

Conservação de quantidade de matéria		
Registro	Estratégia do Entrevistador	Conduta do Entrevistado
<p>E: Olá MV! Como vai você?</p> <p>S: Tudo bem.</p> <p>E: Hoje vamos continuar o nosso trabalho, tudo bem?</p> <p>S: Balança a cabeça em sinal afirmativo.</p> <p>E: <b>Coloca duas massas de cores diferentes sobre a mesa.</b></p> <p>Você conhece esse material? Já trabalhou com ele?</p> <p>S: Sim. É massinha. Eu tenho uma em casa, mas é laranja e a minha gruda.</p> <p>E: Eu gostaria que você fizesse duas bolinhas, nem muito grandes nem muito pequenas, mas que tenham a mesma quantidade de massa.</p> <p>S: Que tamanho? Média?</p> <p>E: Sim.</p> <p>S: Aqui tá bom? (Faz a primeira bolinha e mostra ao entrevistador. )</p> <p>E: O que você acha?</p> <p>S: Acho que tá bom. (Pega a outra massinha, faz a bolinha e compara com a que está em cima da mesa.)</p> <p>E: Tem a mesma quantidade?</p> <p>S: Acho que falta um</p>	<p>Apresentação do material.</p> <p>Pedido de estabelecimento de igualdade inicial.</p> <p>Pergunta de reafirmação.</p>	<p>Reconhecimento do material</p>

<p>pouquinho de nada. (Coloca mais um pouco de massinha e compara novamente.)</p> <p>E: Agora estão com a mesma quantidade?</p> <p>S: Agora, tá bom.</p> <p>E: Escolha uma para você. Pega a que você quiser e deixa do seu lado. <b>Amassa a sua, dando-lhe forma de salsicha.</b></p> <p>Observe. E agora, a minha tem mais, menos ou a mesma quantidade que a sua?</p> <p>S: Essa aqui tá mais. (Aponta para a bolinha)</p> <p>E: Como assim? Você não fez antes duas bolinhas iguais?</p> <p>S: Balança a cabeça em sinal afirmativo.</p> <p>E: Como você explica?</p> <p>S: Mas eu acho que continua o mesmo tanto quando faz a bolinha.</p> <p>E: E se faço uma bolinha com a minha salsicha, essa bolinha terá menos ou mais que a sua bolinha?</p> <p>S: Sim. (Balança a cabeça em sinal afirmativo.)</p> <p>E: <b>Faz a bolinha.</b> E agora? A minha bolinha tem mais, menos ou a mesma quantidade que a sua?</p> <p>S: (Pega as bolinhas, mede com os dedos). Essa daqui tem mais.</p>	<p>Pergunta de reafirmação.</p> <p>1ª Modificação do elemento experimental (alongamento)</p> <p>Contra argumentação.</p> <p>Proposta de retorno empírico.</p> <p>Retorno empírico.</p>	<p>Estabelecimento da igualdade inicial</p> <p>Resposta não conservadora</p> <p>Justificativa de reversibilidade</p> <p>Resposta não conservadora</p>
---	--	---

<p>E: <b>Agora faz de conta que eu vou fazer uma pizza com a minha bola.</b> E agora, na bolinha tem mais, menos ou a mesma quantidade de massinha que a pizza?</p> <p>S: Essa daqui (a bolinha) vai ficar mais grande e essa aqui (a pizza) tá pequena.</p> <p>E: Mas, quando as duas eram bolas, não tinham a mesma quantidade de massa?</p> <p>S: Sim, mas essa tá menor (aponta para a pizza) mas tem o mesmo tanto.</p> <p>E: Uma criança da sua idade, mais ou menos, me disse que a bolinha e a panqueca tinham a mesma quantidade de massa. O que você acha disso que ela me disse?</p> <p>S: Não sei.</p> <p>E: E se eu fizer com a panqueca novamente uma bolinha, elas terão a mesma quantidade de massa?</p> <p>S: Não sei.</p> <p>E: <b>Refaz a bolinha.</b> E agora tem a mesma quantidade de massa nas duas ou uma tem mais e a outra menos?</p> <p>S: Deixa eu ver. (Mede novamente as bolinhas com os dedos.) Essa aqui, tem mais.</p> <p>E: <b>Reparte em quatro</b></p>	<p>2ª Modificação do elemento experimental (achatamento)</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Contra argumentação com terceiro.</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Retorno empírico</p> <p>3ª Modificação do elemento</p>	<p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta conservadora</p> <p>Resposta não conservadora.</p>
--	--	---



<p><b>partes e faz uma bolinha com cada parte.</b></p> <p>E agora, se a sua bola e a minha não fossem de massa, mas sim de chocolate e você come a sua bola e eu as minhas. Você e eu comeríamos menos, mais ou a mesma quantidade de chocolate?</p> <p>S: Você.</p> <p>E: Como assim?</p> <p>S: Por que aqui tem mais. Você tem quatro e eu só tenho essa bolona. Eu só tenho uma.</p>	<p>experimental (divisão)</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p>	<p>Resposta não conservadora.</p>
---	--	-----------------------------------

## ANÁLISE

Nível 1 – Não conservador (geralmente entre os 5 – 6 anos) - MV baseia seu raciocínio no que vê e não admite que a quantidade possa se conservar se a aparência indicar alteração. Estágio de pensamento não correspondente a sua faixa etária (8 anos).



<p><b>entre elas.</b> E agora, o que lhe parece? Temos quantidade igual de fichas ou uma tem menos e a outra mais?</p> <p>S: A sua tem mais.</p> <p>E: Por que lhe parece isso?</p> <p>S: Você já passou de mim. E você é mais longa.</p> <p>E: Mas você não havia dito antes que tínhamos/não tínhamos a mesma quantidade de fichas?</p> <p>S: Sim. (Balança a cabeça em sinal afirmativo.)</p> <p>E: <b>Reduz sua fileira fazendo coincidir frente a frente os elementos de ambas as coleções.</b> E agora, o que me diz?</p> <p>S: Tem a mesma quantidade.</p> <p>E: <b>Reduz a sua fileira diminuindo a distância que separava as fichas.</b> Temos a mesma quantidade?</p> <p>S: Eu tenho mais.</p> <p>E: Por que você diz que tem mais/menos?</p> <p>S: Por que agora eu sou mais longa.</p> <p>E: <b>Faz um círculo com suas fichas e pede à menina que coloque suas fichas por fora na mesma</b></p>	<p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>Contra argumentação.</p> <p>Retorno empírico.</p> <p>2ª modificação espacial.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>3ª modificação espacial.</p>	<p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Reconhecimento da igualdade inicial.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p>
--	--	---

<p><b>quantidade.</b> E agora, no meu círculo tenho a mesma quantidade de fichas que você, tenho menos ou tenho mais?</p> <p>S: Eu tenho mais.</p> <p>E: Como você explicaria isso?</p> <p>S: Por que eu estiquei mais. Era pra grudar mais um pouquinho e eu estiquei.</p> <p>E: <b>Cobre com as mãos as próprias fichas.</b> Pode contar suas fichas? Quantas fichas você acha que tenho debaixo de minha mão?</p> <p>S: (Pensa.) Pera aí. Sete.</p> <p>E: Como você sabe?</p> <p>S: Por que temos a mesma quantidade.</p>	<p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>Pergunta de quoticidade.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p>	<p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta conservadora</p>
--	---	--

## ANÁLISE

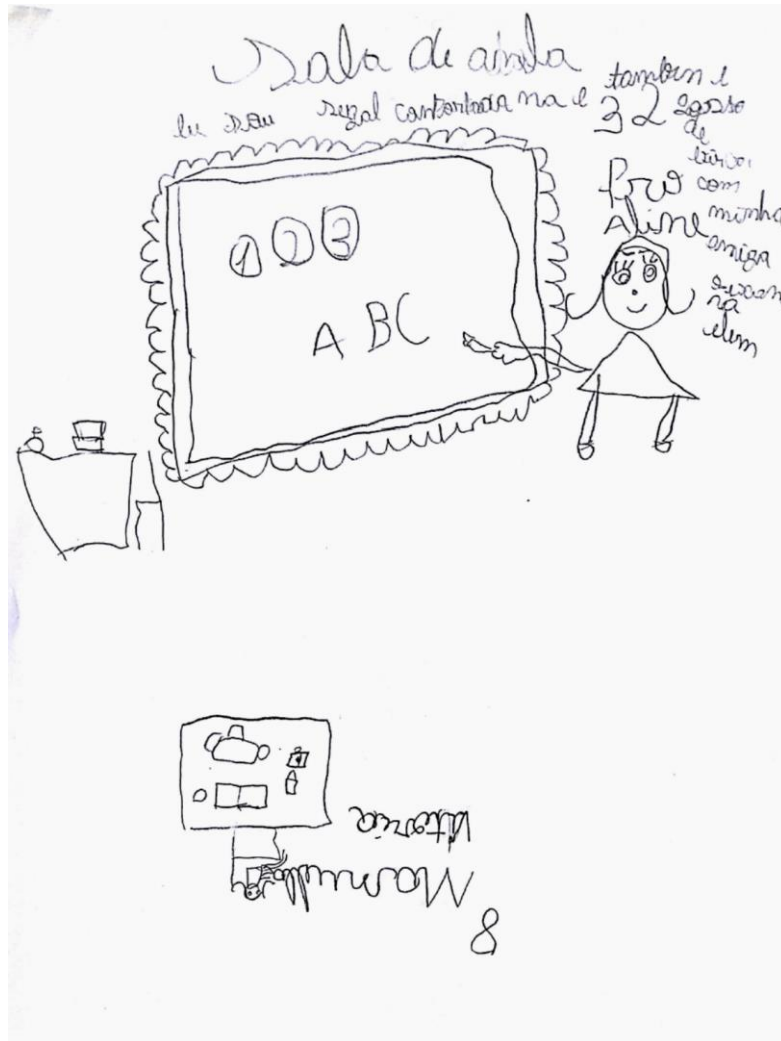
MV encontra-se em nível 2- não conservador, mas mais avançado (geralmente entre os 5 – 6 anos). Quando se pede que coloque as fichas em igual quantidade que as do entrevistador, pode colocar a mesma quantidade termo a termo, mas quando o entrevistador modifica a disposição espacial, de uma das duas coleções, já não sabe se tem a mesma quantidade ou acredita que a mais comprida tem mais. Responde a pergunta de quoticidade corretamente.

Estágio de pensamento não correspondente com a sua faixa etária (8 anos).

**PAR EDUCATIVO: Uma pessoa que ensina e outra que aprende**

Registro	Observações do Pp
<p><b>E: Entrega uma folha em branco e um lápis ao entrevistado.</b> Eu gostaria que você desenhasse uma pessoa que ensina e uma que aprende.</p> <p>S: Pode ser na escola?</p> <p>E: Como você quiser.</p> <p>S: (Desenha o quadro da sala com os enfeites.) Não vou desenhar o alfabeto porque é muito grande.</p> <p>Você tem borracha?</p> <p>Eu gosto de desenhar, mas não gosto de copiar. Quando eu copio a minha mão dói.</p> <p>S: (Termina o desenho e mostra para o entrevistador)</p> <p>E: Por favor, coloque o nome da pessoa que ensina e da pessoa que aprende e as suas idades.</p> <p>S: (Coloca o nome e a idade da professora Aline e o seu próprio no desenho.)</p> <p>E: Você poderia colocar um título no seu desenho?</p> <p>S: (Fica em silêncio e olha para o desenho.)</p> <p>E: Você sabe o que é um título?</p> <p>S: Não.</p> <p>E: É um nome. Dê um nome ao seu desenho.</p> <p>S: (Começa a escrever.) Como se escreve “sala de aula”?</p>	<p>Quer usar a borracha para deixar o desenho com a linha reta. Parece ser perfeccionista.</p> <p>Traço forte e bem marcado. Pode estar causando o cansaço na mão que ela se queixa.</p> <p>Se debruça um pouco sobre a mesa para desenhar.</p> <p>Solettra para escrever.</p>

<p>E: Escreva como você sabe. S: (Escreve “sala de aula”).</p> <p>E: Eu gostaria que você criasse uma história, a partir do seu desenho.</p> <p>S: Uma história?</p> <p>E: Sim. Me diga alguma coisa sobre o seu desenho.</p> <p>S: Minha pró tá ensinando o dever. Tá mostrando o que é o 1, 2 e o 3 e o A, B, C. E eu to aprendendo. Eu tava muito feliz e a pró também.</p> <p>(Começa a descrever o desenho.)</p> <p>Isso aqui é a mesa da pró. Tem livros e uma maçã para ela lanchar. Aqui é a minha mesa. Aqui é um livro, aqui é uma borracha, aqui é um lápis, um apontador e aqui é uma lancheira.</p> <p>(Começa a conversar)</p> <p>Na minha sala tem o alfabeto todo mas eu prefiro os números de 1 a 20. Por que o alfabeto é muito grande. Vai de A a Z.</p> <p>Um dia minha pró ficou triste. Um menino não copiava a atividade. Aí, ela disse que ele não ia pro recreio. Aí, teve uma hora que ele deu um piti e disse que ia pro recreio. Aí a pró disse que ele não ia entrar mais na sala. A pró até chorou.</p> <p>Hoje eu não consegui copiar a agenda porque tinha um menino lá que não me deixava quieta. Só hoje, porque antes eu era lenta e distraia por tudo, mas agora eu copio.</p> <p>Eu copio agora porque meu pai me deu um grito e agora eu copio. Eu fico tremendo quando ele me dá um grito.</p> <p>E: Você gostaria de escrever alguma coisa sobre o seu desenho?</p> <p>S: (Escreve algumas coisas no papel.)</p>	<p>Demonstra uma certa insegurança. Pensa e fica em silêncio por algum tempo.</p> <p>Demonstra um vínculo positivo com a professora.</p> <p>Boa memória? Consegue descrever bem os objetos.</p> <p>Fala de assuntos significativos para ela.</p> <p>Escrita desorganizada e no meio do desenho. Faz letra cursiva. Omite algumas palavras e troca algumas letras. Escrita de criança em processo de alfabetização?</p>
--	--



## ANÁLISE

MV sente-se confortável com o desenho e demonstra ser perfeccionista. Tem um traço bem marcado e faz um desenho rico em detalhes. Pouco usa a borracha.

Fala do desenho com uma certa hesitação, mas demonstra ter um vínculo positivo com a professora quando afirma que ambas estavam felizes.

O desenho do quadro e da professora tem uma dimensão grande em relação a ela e ao lugar onde ela senta na sala de aula. Talvez, ela se sinta intimidada pela complexidade do que lhe é apresentado e considere “ser grande” demais.

A escrita é desorganizada e há omissão de palavras e/ou letras, e isso reafirma um possível vínculo negativo com as letras quando ela diz que não gosta do alfabeto porque é muito grande.

Conta a história de forma coerente, mas não corresponde na escrita da mesma forma.

## PROVAS OPERATÓRIA E PROJETIVA (2)

Conservação das quantidades de líquido		
Registro	Estratégia do Entrevistador	Conduta do Entrevistado
<p>E: MV, agora vamos fazer algo diferente. Tudo bem?</p> <p>S: Tudo bem.</p> <p>E: <b>Coloca os copos A e A<sup>1</sup> em frente ao sujeito.</b> Você conhece esse material?</p> <p>S: (Olha atentamente para o material.) Não.</p> <p>E: Eles são feitos de quê?</p> <p>S: De vidro.</p> <p>E: E eles parecem o quê?</p> <p>S: Esse aí parece um copo.</p> <p>E: Um copo. E estes daqui?</p> <p>S: Um copo também.</p> <p>E: Um copo também. E esse?</p> <p>S: Uma tigela.</p> <p>E: E esse aqui.</p> <p>S: Um copo.</p> <p>E: “Tá” bom, então. Você gosta de suco? Gosta? Eu trouxe aqui dois sucos, mas esse não pode beber.</p> <p>S: Eu sei.</p> <p>E: Esse é de limão e esse de morango. Qual o suco</p>	<p>Apresentação do material.</p>	<p>Reconhecimento do material.</p> <p>Reconhecimento do material. Apresenta satisfação ao saber sobre o material. Menina bastante receptiva e curiosa.</p>



<p>de que você mais gosta?</p> <p>S: De morango.</p> <p>E: Então eu vou ficar com o de limão. “Tá” bom?</p> <p>E: Eu vou colocar o suco dessa garrafa nesse copinho e eu gostaria que você colocasse nesse copinho a mesma quantidade de suco de morango.</p> <p>S: Gente...</p> <p>E: Tá difícil?</p> <p>S: Falta um pouquinho de nada.</p> <p>E: Estão iguais?</p> <p>S: O meu tá muito.</p> <p>E: E o que você pode fazer para que fiquem iguais?</p> <p>S: Botar de novo na garrafa.</p> <p>E: Você quer tentar?</p> <p>S: Sim.</p> <p>E: E agora, estão iguais?</p> <p>S: Deixa eu olhar direito... Tá!</p> <p>E: Escolha um copo com suco para você. Se você beber todo o suco do seu copo e eu beber todo do suco do meu, beberemos a mesma quantidade de suco ou um bebe mais e o outro menos?</p> <p>S: Não sei.</p>	<p>Pedido de estabelecimento de igualdade inicial.</p> <p>Pergunta de reafirmação.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>Pergunta de reafirmação.</p>	<p>Estabelecimento de igualdade inicial.</p> <p>Resposta inadequada.</p>
---	---	--

<p>E: Você não colocou aqui a mesma quantidade? Então, se você bebe todo o suco daqui e eu bebo todo o suco daqui, a gente vai beber a mesma quantidade ou uma vai beber mais do que a outra?</p> <p>S: A gente bebe a mesma quantidade.</p>	<p>Pergunta de reafirmação.</p>	<p>Estabelecimento da igualdade inicial.</p>
<p>E: <b>Transfere o líquido do copo A para um mais alto e fino B.</b> E agora? Se o meu copo for este (B), beberemos a mesma quantidade de suco, ou eu beberei mais e você menos?</p> <p>S: Vai beber a mesma quantidade.</p>	<p>1ª Modificação do elemento experimental</p>	<p>Resposta conservadora sem argumentação</p>
<p>E: Você pode explicar?</p> <p>S: Porque se você beber mais até o final e eu beber até o final fica no mesmo.</p>	<p>Pergunta provocadora de argumentação</p>	<p>Resposta conservadora.</p>
<p>E: Agora eu vou transferir o meu suco para outro copo. <b>Transfere para um copo maior.</b> E agora, a gente vai beber igual ou uma vai beber mais e a outra menos?</p> <p>S: Eu vou beber menos.</p>	<p>2ª Modificação do elemento experimental</p>	<p>Resposta não conservadora.</p>
<p>E: Por que você vai beber menos?</p> <p>S: É a mesma quantidade, mas o copo é maior.</p>	<p>Pergunta provocadora de argumentação</p>	<p>Resposta não conservadora.</p>
<p>E: E se eu voltar a botar o meu suco nesse copo. Eu vou beber mais, menos ou a mesma quantidade que você?</p>	<p>Proposta de retorno empírico</p>	

S: A mesma quantidade.		Reconhecimento da igualdade inicial.
E: Você pode me explicar?	Pergunta provocadora de argumentação	
S: Porque se você botar aqui dentro, é o mesmo tamanho do copo, aí se eu beber todo e você beber todo, vai ficar no mesmo tanto.		Resposta não conservadora.
E: Vamos ver? (Volta a colocar o liquido no copo A) A gente vai beber mais, menos ou a mesma quantidade?	Retorno empírico.	
S: Eu acho que quem vai beber mais sou eu.		Resposta não conservadora.
E: Por que você pensa que quem vai beber mais é você?	Pergunta provocadora de argumentação	
S: Deixa eu medir direito aqui. Você tá até mais.		Resposta não conservadora.
E: Mas antes quando a gente botou as garrafinhas aqui, você não disse que a gente ia beber a mesma quantidade?	Contra argumentação.	
S: Eu não estava vendo isso direito. De longe não dá para ver. Eu botei menos e você botou mais.		
E: Eu botei mais, foi? Mas quando você olha tem a mesma quantidade?	Pergunta provocadora de argumentação	
S: Tem.		
E: E se eu beber esse e você beber esse, a gente vai beber igual?	Contra argumentação	Reconhecimento da igualdade inicial.
S: Vai.		
E: Eu vou mudar o meu copo de novo. <b>Transfere</b>	3ª Modificação do elemento experimental	

<p><b>para um copo menor.</b> Agora, a gente vai beber igual, ou eu vou beber mais e você menos?</p> <p>S: Você vai beber mais.</p> <p>E: Por que eu vou beber mais?</p> <p>S: O copo é menor. E tem bem mais bebida aqui.</p> <p>E: Mas antes quando estava aqui, você não disse que a gente ia beber a mesma quantidade?</p> <p>S: Por que estava em um copo diferente.</p> <p>E: Então, eu voltar ele para cá. A gente vai beber a mesma quantidade ou uma vai beber mais do que a outra?</p> <p>S: A mesma quantidade.</p> <p>E: E agora, eu separei o meu suco <b>em quatro copinhos</b>. A gente vai beber a mesma quantidade ou uma vai beber mais e a outra menos?</p> <p>S: Você vai beber bem mais.</p> <p>E: Eu vou beber bem mais? Como, você pode me explicar?</p> <p>S: Por que você dividiu em 4 copos e eu só tenho um copo.</p> <p>E: Mas quando estava nesse copo, a gente não ia beber a mesma quantidade?</p>	<p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico.</p> <p>Retorno empírico.</p> <p>4ª Modificação do elemento experimental</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>Contra argumentação.</p>	<p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Reconhecimento da igualdade inicial.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p>
---	---	---



**PAR EDUCATIVO: Família educativa**

Registro	Observações do Pp
<p>E: Boa tarde, MV! Tudo bem?</p> <p>S: Tudo bem. Hoje, ontem... hoje não teve educação física.</p> <p>E: Por que não teve educação física?</p> <p>S: Ontem teve educação física, mas ele (professor) só ficou sentado olhando os outros fazendo. Ele foi. Mas ele deixa a gente sentado só pra ver os outros fazendo educação física.</p> <p>E: Oxe, mas não entendo! E vocês fazem o quê? Nada?</p> <p>S: Nada.</p> <p>E: E hoje não teve por quê? Por causa disso?</p> <p>S: Hoje não teve mesmo.</p> <p>E: E você gosta da aula de Educação Física?</p> <p>S: Sim. A gente faz um bocado de coisa, correndo, fazendo exercícios.</p> <p>Apresenta a boneca Lara e diz que foi ela mesma que deu esse nome. Na escola hoje teve Matemática e “de estourar bola”: a gente teve que fazer um trabalho e a gente apresentou. Tinha de ciências, matemática... Eu fico toda arrepiada quando eu toco na bola, pois fica aquele barulho de bola “pocando”.</p> <p>E: Olha só o que eu gostaria que você fizesse hoje: aqui tem uma folha, e aí ao seu lado um material que você pode usar. Eu gostaria que você desenhasse sua família e cada um fazendo o que sabe fazer.</p> <p>Você entendeu como é o desenho?</p> <p>S: Sim. É para fazer minha família fazendo alguma coisa que eles sabem.</p> <p>Começa a desenhar.</p>	<p>Desenho com base: árvore, casarão, pessoas, nuvens e sol sorridente. Cores correspondentes a cada um dos elementos do desenho. Árvore com frutos, animais sendo</p>

<p>Esse barulho é do relógio?</p> <p>E: É. Contando as horas.</p> <p>S: Eu sei arrancar maçã lá da casa do meu avô.</p> <p>E: Na casa do seu avô tem um pé de maçã.</p> <p>S: <b>(Ao desenhar a avó, faz a seguinte observação)</b>  Só podia ser minha avó. Ela não sai de casa de jeito nenhum. Tem vezes que ela faz galinha, galinha assada. Eu vou fazer por parte de mãe, pois por parte de mãe é bem mais fácil. Porque a de parte de pai é muito grande. Na minha casa mora eu, minha irmã, meu pai e minha mãe. Meu irmão mora com a mãe dele.  <b>(Ao desenhar o avô, faz a seguinte observação)</b>  Meu avô está dando a ração para os bois dele. Quando os bois ficam gordos, ele mata. Meu avô tem vaca, mula, boi.</p> <p>E: Seu avô tem sitio?</p> <p>S: Ele tem boi.</p> <p>S: Meu tio tem vaca, cavalo, boi, um cavalo... o filho dele chama o cavalo de Muquinha.  Meu avô mora em Conceição da Feira e eu visito muito ele. Mas esse final de semana eu não vou ver ele, pois meu pai vai tocar.</p> <p>E: Seu pai toca?</p> <p>S: Ele toca forró. Meu pai toca baixo. Kimimo do forró é a banda do meu pai.  <b>(Continua...)</b> Lá na casa do meu tio tem várias janelas. Eu vou fazer as da entrada.  No meu desenho, um pé tá maior e o outro menor. Sempre assim... vou apagar e fazer os dois iguais. Não tem jeito... eu fiz de tudo, mas não tem jeito...  Minha avó gosta muito de cozinhar, mas minha mãe também ajuda uma vez. Uma vez não, ela ajuda sempre.  Testa vários hidrocores para achar o que melhor se encaixa em cada detalhe do</p>	<p>alimentados.</p> <p>Desenhos proporcionais: pessoas menores que a árvore e a casa.  Percepção apurada, muito atenciosa.  Concentração ao desenhar. A pintura é sempre na mesma direção.  Desenho com bastante detalhes.  Muito organizada.  Começa a colorir o desenho. Usa giz de cera.  Sempre conversando.  Às vezes, para de colorir para contar as histórias.</p> <p>Interessante é que aparecem no desenho apenas a avó, o avô e ela mesma. Apesar de morar com os pais e a irmã.  Fala muito no tio e nos primos, que moram no interior – Conceição da Feira, assim como os avôs.  Conta as histórias da falam que foram transmitidas pela mãe.</p>
--	---

desenho. Conta os números dos hidrocores na caixa, pois havia notado a ausência de um. Sempre guarda os hidrocores e lápis nas caixas. Conta antes de guardá-los.

## PAR EDUCATIVO: FAMÍLIA EDUCATIVA



## ANÁLISE DA PROVA

Vínculo com os avôs, tios e primos positivo. A família com a qual convive em casa não aparece no desenho, demonstrando distância daqueles que são os que acompanham diariamente as suas rotinas. Possíveis qualificações e desqualificações.



A informação é transmitida pela mãe. Em vários momentos, MV afirma que é a mãe quem conta as histórias da família para ela. E esta a reproduz como repertório da sua trajetória.

O sistema de funcionamento e manutenção parece estar centrado na figura dos avôs. A família materna apresenta uma relevância no processo de vínculo e aprendizagem prática dessa criança.

As experiências infantis no ambiente familiar constituem uma disposição para a construção da aprendizagem, visto que essa garota observa, experimenta e valida as ações e pensamentos desse ambiente familiar representado pelos parentes que moram no interior.

Mesmo com todo o vínculo com os avôs a posição da criança no desenho deixa claro o distanciamento entre adultos e crianças nesse círculo familiar.

Vale a pena investigar a omissão desses pais na representação feita pela criança.



<p>os pastos. Se a vaquinha come todo o pasto deste campo, ou come todo o pasto desse campo, ela come a mesma quantidade, ou em um campo há mais pasto e no outro menos?</p> <p>S: Mesma quantidade.</p> <p>E: Mas o dono deste campo decide colocar uma casinha. Como terá de pasto a vaquinha deste campo? A mesma quantidade ou não?</p> <p>S: Ela vai comer menos porque tem uma casa já.</p> <p>E: (Coloca 4 quadradinhos juntos, em cada placa verde, formando um quadrado no ângulo superior direito de cada uma delas.) E agora, como a vaquinha está de pasto em cada campo?</p> <p>S: A mesma quantidade.</p> <p>E: (Separa no campo experimental um pouco – uns 3cm) – um quadradinho do outro.) E agora, será que os dois campos têm a mesma quantidade de pasto, ou em um campo há mais e em outro menos?</p> <p>S: A mesma quantidade.</p> <p>E: Você pode me explicar por quê?</p> <p>S: Por que aqui tinha quatro juntas. E se eu colocar uma casa em cada canto ela fica o mesmo tanto.</p> <p>E: (Distancia mais os quadradinhos do campo experimental.) E agora, têm a mesma</p>	<p>1ª modificação da disposição espacial.</p> <p>Aumento da modificação espacial.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>2ª modificação espacial.</p>	<p>Resposta conservadora com argumento de compensação.</p> <p>Resposta conservadora.</p> <p>Resposta conservadora.</p> <p>Resposta conservadora com reversibilidade</p>
---	---	---

<p>quantidade de pasto nos dois?</p> <p>S: O mesmo tanto.</p> <p>E: (Coloca os quatro quadradinhos do campo experimental como no campo teste: juntos, porém, no campo superior direito em um e no campo inferior direito no outro.) E agora?</p> <p>S: Mesmo tanto.</p> <p>E: Você pode me explicar?</p> <p>S: Porque aqui só mudou de lugar, mas tem quatro casas.</p> <p>E: Mas, outro dia, uma criança, mais ou menos da sua idade, me disse que os dois campos (não) têm a mesma quantidade de pasto. Você acha que ela está certa ou errada? Por quê?</p> <p>S: Não sei.</p> <p>E: Você concorda com ela?</p> <p>S: Não. Se aqui tem quatro casas e se eu botar aqui quatro casas, tem o mesmo tanto.</p> <p>E: (Volta a colocar as quatro casinhas nos campos, juntas como no princípio.) E agora, tem a mesma quantidade de pasto ou quantidades diferentes?</p> <p>S: A mesma quantidade.</p> <p>E: (Retira todos os cartõezinhos dos dois campos e vai colocando com ambas as mãos no campo teste e,</p>	<p>3ª modificação espacial</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Contra argumentação com terceiro.</p> <p>Retorno empírico.</p> <p>4ª modificação espacial.</p>	<p>Resposta conservadora.</p> <p>Resposta conservadora com argumento de identidade.</p> <p>Resposta conservadora com argumento de identidade.</p> <p>Resposta conservadora sem argumentação.</p>
---	--	--

<p>simultaneamente, no experimental 6 cartõezinhos em cada um deles. No campo teste, coloca os cartões juntos (formando um retângulo) em um ângulo e no campo experimental os coloca desordenadamente.)</p> <p>O que lhe parece, a vaquinha tem mais pasto em um e menos em outro, ou tem a mesma quantidade nos dois?</p> <p>S: (Conta os quadradinhos). O mesmo tanto.</p> <p>E: Por que terá o mesmo tanto?</p> <p>S: Por que eu já falei. Mesmo misturando tudo vai ser o mesmo tanto.</p>		<p>Resposta conservadora sem argumentação.</p> <p>Resposta conservadora com argumento de compensação.</p>
--	--	--

## ANÁLISE

MV encontra-se no Nível 3: conservador. Ela consegue perceber que as áreas livres são iguais. As diferentes modificações espaciais, as quais foi exposta, não interferiram na sua conduta das suas respostas. Não houve conflito de percepção e julgamento. Estágio de pensamento de acordo com a sua faixa etária (8 anos).

Inclusão de classes		
Registro	Estratégia do Entrevistador	Conduta do Entrevistado
<p>E: Você conhece frutas? Quais são as frutas que você conhece?</p> <p>S: Laranja, banana, manga, caju, cajá, ...</p> <p>E: <b>(Mostra as frutas)</b> Que frutas são estas?</p> <p>S: Banana e laranja.</p>	<p>Pergunta exploratória sobre o conhecimento das frutas.</p> <p>Apresentação das frutas.</p>	<p>Reconhecimento das frutas.</p>
<p>E: Banana é fruta?</p> <p>S: É.</p>	<p>Pergunta exploratória do conhecimento do termo da classe e da hierarquia de classes.</p>	<p>Resposta de reconhecimento do termo da classe e da hierarquia de classes.</p>
<p>E: E laranja é fruta?</p> <p>S: É.</p>	<p>Pergunta exploratória do conhecimento do termo da classe e da hierarquia de classes.</p>	<p>Resposta de reconhecimento do termo da classe e da hierarquia de classes.</p>
<p>E: Nesta cesta, há mais bananas ou mais frutas?</p> <p>S: Tem mais bananas.</p>	<p>Pergunta de comparação do número de elementos da subclasse e da classe.</p>	<p>Resposta de comparação do número de frutas da subclasse com os da classe.</p>
<p>E: Como você sabe que eu tenho mais bananas do que frutas?</p> <p>S: Por aqui só tem laranjas. E aqui tem dez bananas.</p>	<p>Pergunta provocadora de argumentação.</p>	<p>Resposta de comparação do número de frutas da subclasse com os da classe.</p>
<p>E: Vamos imaginar que eu e você quiséssemos fazer uma sobremesa. Eu vou fazer um doce com as bananas e você um doce com as laranjas, qual das duas ia fazer a maior quantidade de doce?</p> <p>S: Você vai ter mais.</p> <p>E: Por que eu vou ter mais?</p>	<p>Pergunta de subtração que implica quantificação da inclusão que requer reversibilidade.</p>	<p>Resposta de comparação do número de frutas da subclasse com os da classe.</p>

<p>S: Por que aqui tem dez bananas e aqui tem três laranjas. As três laranjas, eu tenho que espremer e você teve que descascar todas e jogar no batidor. E as bananas vão ficar assim, e o meu vai ficar assim. (Indica com as mãos como ficaria a quantidade de cada doce em uma vasilha). Por que você tem mais bananas e eu tenho menos laranjas.</p> <p>E: Se eu lhe der todas as minhas bananas, o que sobra na cesta?</p> <p>S: Nada. Você não vai sobrar nada.</p> <p>E: Se eu lhe der as laranjas, o que sobra na cesta?</p> <p>S: Você tem as bananas, né? E eu as laranjas... então, você vai ficar com mais e eu com menos.</p> <p>E: Se eu lhe der todas as frutas, o que sobra na cesta?</p> <p>S: Nada.</p> <p>E: Se eu fizer um suco com todas as laranjas e você uma sobremesa com todas as frutas, quem fará o maior?</p> <p>S: Eu vou ficar com mais.</p> <p>E: Como você sabe?</p> <p>S: Porque você só tem três laranjas e eu tenho dez bananas.</p>	<p>Pergunta de subtração que implica em quantificação da inclusão que não requer reversibilidade.</p> <p>Pergunta de subtração que implica em quantificação da inclusão que não requer reversibilidade.</p> <p>Pergunta de subtração de todos os elementos da subclasse.</p> <p>Pergunta de quantificação da inclusão que requer reversibilidade.</p>	<p>Resposta inadequada.</p> <p>Resposta inadequada.</p> <p>Resposta a quantificação da inclusão.</p> <p>Resposta a quantificação de inclusão.</p>
--	---	---

## ANÁLISE

MV encontra-se no Nível 1 (geralmente até os 5 – 6 anos) – Ausência de quantificação da inclusão. Ela não é ainda capaz de comparar os elementos de uma subclasse (bananas e laranjas) com a de uma classe mais inclusiva (frutas). As respostas sobre a subtração ou são inadequadas ou não são corretas. Estágio de pensamento não correspondente a sua faixa etária (8 anos).



Intersecção de classes		
Registro	Estratégia do Entrevistador	Conduta do Entrevistado
<p>E: Vamos agora fazer outra atividade.</p> <p><b>Dispõe as fichas dentro dos círculos: quadrados azuis e círculos vermelhos na parte externa dos mesmos e os círculos azuis na intersecção.</b></p> <p>Gostaria que me dissesse o que vê disso que coloquei aqui</p> <p>S: Redondo e quadrado.</p> <p>E: Tem mais alguma coisa que você possa me dizer?</p> <p>S: Das cores. Essa aqui é vermelha e essa aqui é azul, mas é o mesmo formato. E essa é azul também.</p>	<p>Apresentação do material</p>	<p>Reconhecimento do material.</p>
<p>E: Por que você acha que coloquei estes (círculos azuis) no meio?</p> <p>S: Para não misturar com o vermelho e o azul. Se misturasse.... (Pensa um pouco para tentar formular a frase).</p> <p>Esse aqui é para não misturar com a cor. Aí você botou um aqui, separado da cor, mas é o mesmo formato.</p>	<p>Pergunta sobre o conteúdo da intersecção</p>	<p>Reconhecimento do conteúdo da intersecção.</p>
<p>E: O que lhe parece, há mais fichas azuis ou mais fichas vermelhas?</p> <p>S: (Conta apenas as redondas). Mesmo tanto.</p>	<p>Pergunta de comparação do número de elementos das subclasses (critério de cor)</p>	<p>Comparação inadequada.</p>
<p>E: Há mais fichas</p>	<p>Pergunta de comparação</p>	

<p>quadradas ou mais fichas redondas?</p> <p>S: (Conta apenas as azuis). O mesmo tanto.</p> <p>E: O que lhe parece, há a mesma quantidade ou há mais ou menos fichas vermelhas que fichas redondas?</p> <p>S: O mesmo tanto.</p> <p>E: Eu tenho mais fichas vermelhas ou mais fichas redondas?</p> <p>S: O mesmo tanto.</p> <p>E: Como você sabe? Pode me mostrar?</p> <p>S: (Aponta para as fichas redondas azuis e depois aponta para as fichas redondas vermelhas). Aqui tem cinco e aqui tem cinco. Se eu tirasse um, ficava com quatro.</p> <p>E: Há a mesma quantidade, mais ou menos fichas quadradas que fichas azuis?</p> <p>S: O mesmo.</p>	<p>do número de elementos das subclasses (critério de forma)</p> <p>Pergunta de intersecção</p> <p>Pergunta suplementar</p> <p>Pergunta de inclusão</p>	<p>Comparação inadequada.</p> <p>Resposta de intersecção incorreta.</p> <p>Resposta incorreta a pergunta suplementar.</p> <p>Resposta de inclusão incorreta.</p>
---	---	--

### ANÁLISE

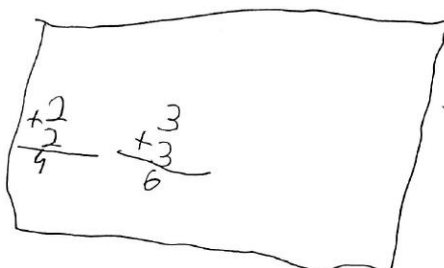
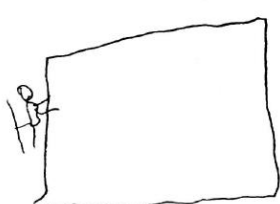
MV encontra-se no Nível 1 (a partir de 4 – 5 anos) – Respostas a classes não relacionadas. Ela se baseia em apenas um critério para responder as perguntas (cores ou formas) e não inclui todas as fichas nas suas respostas. Ainda não é capaz de estabelecer que um conjunto de elementos possa ter dois atributos. Não leva em conta o conteúdo da intersecção. Estágio de pensamento não correspondente a sua faixa etária (8 anos).

PROVA PROJETIVA: Planta da sala de aula	
Registro	Observações do Pp
<p><b>E: (Colocar sobre a mesa papel, lápis e borracha).</b> Eu gostaria que você desenhasse a planta da sua sala, como se estivesse vendo-a de cima. Você sabe o que é a planta da sala?</p> <p>S: É um tipo de vaso. Uma plantinha verde e uma rosa. E também serve pra natureza.</p> <p>E: Certo. Só que essa planta que nós vamos fazer é diferente. É a imagem da sua sala vista de cima. Como se você estivesse em cima de uma escada bem alta e olhasse pra baixo. É o desenho da sala olhando de cima. Como você veria a sua sala se você olhasse de cima para baixo?</p> <p>S: Eu nunca olhei. Por que eu não tenho escada.</p> <p>E: Então vamos imaginar como seria?</p> <p>S: (Balança a cabeça em sinal afirmativo e começa a desenhar.)</p> <p>S: (Após um tempo). Terminei.</p> <p>E: Você pode colocar um x no lugar em que se senta na sala?</p> <p>S: Aqui. (Escreve "eu" no desenho). Eu sou a terceira.</p> <p>E: Os locais na sua sala são escolhidos por vocês ou pela professora?</p> <p>S: No dia de pró Carol pode sentar em qualquer lugar. Ela é a pró de artes.</p> <p>E: E com a outra pró, tem mapa de sala?</p> <p>S: Tem.</p> <p>E: Você gostaria de sentar-se em outro lugar na sala.</p> <p>S: Sim, por que atrás de mim tem um menino que põe o pé na minha cadeira.</p>	<p>Não compreende o que é uma planta.</p> <p>Fala pouco dessa vez. Não houve riqueza de detalhes como ela costuma fazer.</p> <p>Mostrou-se irritada ao falar sobre o menino. Contou como ele a distrai (colocando o pé na cadeira, dizendo</p>

<p>E: Tem muitos alunos na sua sala?</p> <p>S: Eu acho que tem 32. Mas eu não sei por que são muitos.</p> <p>E: Você pode me dizer quem são as pessoas que sentam ao seu lado?</p> <p>S: (Aponta para as poucas cadeiras que desenhou e diz o nome das colegas.)</p> <p>E: E atrás de você, quem senta?</p> <p>S: (Diz o nome do colega). É ele que coloca o pé na minha cadeira. E ele se mete em tudo, até na minha vida. (Conta sobre o dia em que o menino disse a pró que ela ainda estava na questão 2 de alguma atividade e ela – MV - pediu que ele cuidasse da vida dele.)</p> <p>E: E a sua professora, ela fica mais sentada ou em pé? Circula pela sala?</p> <p>S: Quando ela vai fazer atividade, ela fica em pé, mas quando ela tá corrigindo, ela fica sentada.</p> <p>E: Mas, ela circula pela sala?</p> <p>S: Ela não circula. Ela vai numa fila, depois vai na outra. Ela só vê as tarefas.</p> <p>E: E o que você faz quando ela olha a sua tarefa? Você pergunta se você não entendeu alguma coisa?</p> <p>S: Eu fico quieta. Mas eu pergunto quando não entendo.</p> <p>E: Certo. Você poderia dar um nome ao seu desenho?</p> <p>S: “Sala de aula”.</p> <p>E: Você pode escrever, por favor?</p> <p>S: (Escreve no desenho).</p> <p>E: Coloque o seu nome no desenho, por favor.</p> <p>S: (Escreve o nome.)</p> <p>E: Tem mais alguma coisa que você queira contar pra gente sobre a sua sala de aula?</p>	<p>coisas para ela etc).</p> <p>Ainda pensa muito no concreto. Quando ouviu a palavra “circula”, entendeu que a professora ficaria dando voltas em círculo pela sala.</p> <p>Não demonstrou ter “reservas” com a professora.</p> <p>Balbucia a palavra “aula”. Pergunta como se escreve. Acaba escrevendo “anla”, como já aconteceu anteriormente.</p> <p>Letras grandes, no centro do papel.</p>
---	---

S: É que uma vez, ..., é que eu sou craque na matemática. Na de mais, mas quando é de menos, de multiplicar, eu não sou não. Ah! A de menos e a de mais é fácil, mas a de multiplicar, não.

## PAR EDUCATIVO: PLANTA DA SALA DE AULA



Sala de aula  
Manuella Vitoria

## ANÁLISE

Não demarca o espaço da sala de aula. O limite do papel é o que define o espaço e tamanho do desenho.

O desenho apresenta um quadro grande e a mesa da professora também grande. O tamanho e o distanciamento do quadro e da mesa da professora chamam atenção. Característica sempre presente nos desenhos. Pode estar denotando algo que ela considere ainda não conseguir atingir ou se aproximar do que está sendo exposto. Não se sente neste espaço.

Desenha apenas seis cadeiras enfileiradas, apesar de afirmar que na sala há 32 alunos. Pode estar demonstrando problemas de interação com grupo.

Desenho sem muitos detalhes. Letras grandes, no centro do papel.

MUDANÇA DE CRITÉRIO		
Registro	Estratégia do Entrevistador	Conduta do Entrevistado
<p>E: Você lembra desse material?  <b>Coloca as figuras sobre a mesa de forma desordenada.</b>  O que você lembra sobre eles?  De que cor são?  O que mais você pode me dizer?</p> <p>S: Quadrados e redondos. Vermelho e amarelo. Um é maior e o outro menor, mas do mesmo formato.</p>	<p>Apresentação do material. Pedido de descrição do material.</p>	<p>Reconhecimento do material.</p>
<p>E: Eu gostaria que você fizesse a mesma coisa que fizemos da última vez. Que colocasse juntas as que se parecem, as que são iguais.</p> <p>S: (<b>Acena positivamente com a cabeça.</b> “Vou botar o vermelho primeiro”. <b>Coloca uma pilha de figuras redondas – vermelhas e amarelas.</b>)</p>	<p>Pedido de classificação espontânea</p>	<p>Classificação espontânea.</p>
<p>E: Como você colocou?</p> <p>S: Eu botei o maior primeiro depois botei o menor.</p>	<p>Pergunta de investigação.</p>	<p>Classificação por tamanho.</p>
<p>E: Mas quantos grupos você tem?</p> <p>S: Quatro: um, dois, três, quatro.</p> <p>E: E aquele lá?</p> <p>S: (Responde contado até quatro: um, dois, três, quatro.)</p> <p>E: Mas este grupo é o quê?  E esse grupo é o quê?</p>	<p>Pergunta de investigação.</p>	

<p>S: Este grupo é redondo e esse grupo é quadrado.</p> <p>E: Pronto. Agora sabe o que eu quero? Vou misturar tudo de novo e gostaria que você separasse eles de uma maneira diferente. Você já separou redondas e quadradas. Agora você vai separar em outros grupos que não sejam redondos e quadrados. Você vai colocar juntos os que se parecem.</p> <p>S: Mas de que forma?</p> <p>E: Como você achar melhor.</p> <p>S: (Mantém a mesma classificação – formas -; só que agora espalhados pela mesa e não mais empilhados.)</p> <p>E: E agora, como você separou eles?</p> <p>S: Eu botei redondo com redondo; eu botei os redondinhos pequenos primeiro, depois eu botei os grandes; e com os quadrados, eu fiz a mesma coisa, pequenos e grandes.</p> <p>E: Então aqui tem redondo pequeno, redondo grande, quadrado pequeno, quadrado grande. A gente tem quatro grupos. Eu gostaria que você diminuísse, em menos grupos.</p> <p>S: Tá bom. (Tira algumas fichas da e coloca-as do lado).</p> <p>E: Mas você tem que usar todas as fichas.</p>	<p>Pedido de mudança de critério.</p> <p>Pergunta de investigação.</p> <p>Pedido de diminuição de grupos.</p>	<p>Classificação por formas.</p> <p>Tem dificuldades em pensar em outro critério, demonstrando desconforto.</p> <p>Tem dificuldades na nova classificação: redondos pequenos, redondos grandes, quadrados pequenos e quadrados grandes.</p> <p>Classificação por tamanho e forma.</p>
---	---	---

<p>S: Todas?</p> <p>E: É. Você tem redondos pequenos, redondos grandes, quadrados pequenos, quadrados grandes. Só que eu só tenho 2 caixas para guardar. Então como que a gente vai guardar esses quatro grupos em apenas duas caixinhas?</p> <p>S: Pronto. (Tira novamente algumas fichas e as deixa de lado).</p> <p>E: E essas daí?</p> <p>S: Deixei aqui.</p> <p>E: Mas você tem que usar todas as fichas nos grupos. Você tem aqui as duas caixinhas e vai colocar nesta as que se parecem e na outra as demais que se parecem. Está bom?</p> <p>S: (Separa as fichas usando o critério das formas.)</p>	<p>Pedido de dicotomia.</p>	<p>Fica um pouco nervosa quando solicitada a refazer o que já tinha executado.</p>
<p>E: Por que você colocou dessa maneira (em grupos separados nos cantos)?</p> <p>S: Porque se eu botasse todas, uma em cima da outra, ia ficar caindo.</p> <p>E: E como você dividiu nas caixas?</p> <p>S: Eu botei o pequeno e o maior da mesma cor, do mesmo lado; e o pequeno do mesmo lado, da mesma cor. O amarelo de um lado, e o vermelho do outro lado. E o quadrado, eu botei esse aqui na mesma cor e no mesmo formato. E o vermelho, eu botei a mesma cor e o mesmo formato.</p>	<p>Pergunta de investigação.</p> <p>Pergunta de investigação.</p>	<p>Classificação por forma, cor e tamanho.</p>





<p>vou tirar tudo daqui de novo, vou misturar. Eu vou fazer de uma forma e você vai continuar. Está bom?</p> <p><b>Insinua uma classificação por tamanho.</b> Eu vou botar esses (maiores) aqui, e vou botar esses (menores) aqui. Eu queria que você continuasse com os que são da mesma classe.</p> <p>S: Acho que vai cair!</p> <p>E: Como você chamaria este grupo e esse grupo?</p> <p>S: Misturados.</p> <p>E: Mas por que eles estão nessa caixa?</p> <p>S: Porque estes daqui são maiores e esses daqui são menores.</p> <p>E: Pronto. Vou misturar de novo. <b>Insinua uma classificação por cor.</b> Agora eu vou fazer assim (separa em dois grupos de cores diferentes.) Você pode continuar.</p> <p>S: (Sinaliza afirmativamente com a cabeça.)</p> <p>E: E agora, como você chamaria as que estão nesta caixa?</p> <p>S: É... Não faço ideia.</p> <p>E: Qual o nome que você daria para estas e qual o nome que você daria para essas?</p> <p>S: Arte.</p> <p>E: Arte? Estas daqui estão juntas porque elas se parecem. As de cá estão juntas porque elas se parecem. Que nome você</p>	<p>Solicitação de dar nome à subclasse.</p> <p>Pergunta de investigação.</p> <p>Insinuação de classificação por cor.</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse.</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse.</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse.</p>	<p>Dificuldade de explicar verbalmente o critério utilizado.</p> <p>Classificação por tamanho.</p> <p>Dificuldade de explicar verbalmente o critério utilizado.</p> <p>Dificuldade de explicar verbalmente o critério utilizado.</p>
---	--	--

<p>daria para elas.</p> <p>S: Parecida.</p> <p>E: Mas como elas se parecem? O que elas têm igual?</p> <p>S: Arredondadamente, mas o que não parece igual é a cor.</p> <p>E: Me explique.</p> <p>S: Quadrado. Esses quadrados daqui são do mesmo formato, mas não são da mesma cor.</p> <p>E: Então, eu vou fazer do mesmo jeitinho: eu quero fechar esta caixa, mas eu tenho que por um nome aqui para saber o que tem aqui dentro. Que nome você daria a essa caixa e que nome você daria a esta caixa?</p> <p>S: Misturinha. Eu não sei qual o nome que eu daria a essa caixa.</p> <p>E: Não sabe o nome? Não consegue imaginar? Por que que essas se parecem?</p> <p>S: Porque é a mesma cor, mas não é o mesmo formato.</p> <p>E: Então, se são a mesma cor, que nome eu dou a essa caixa?</p> <p>S: Mesma cor.</p> <p>E: Mas eu não tenho espaço para escrever tudo isso: "mesma cor"</p> <p>S: Cor.</p> <p>E: Mas se eu botar cor aqui e cor aqui, como eu vou saber que aqui tem essa (vermelho) e aqui tem essa (amarelo)?</p>	<p>Pergunta de investigação.</p> <p>Pergunta de investigação.</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse.</p> <p>Pergunta de investigação.</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse.</p> <p>Pedido de redução de palavras.</p> <p>Pergunta de investigação.</p>	<p>Classificação por forma.</p> <p>(Cantarola durante a execução.)</p> <p>Classificação por cor.</p>
--	---	--

<p>S: Você coloca mesma (pequeninho) e cor (grande).</p> <p>E: Mas como eu vou saber essa mesma cor?</p> <p>S: Um é amarelo e outro vermelho.</p> <p>E: Então que nome eu daria a esta caixa?</p> <p>S: “Amarelo” e a outra “Vermelho”.</p> <p>E: Ok.</p>	<p>Pergunta de investigação.</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse</p>	<p>Dificuldade de explicar verbalmente o critério utilizado.</p> <p>Classificação por cor.</p>
---	---	--

### ANÁLISE

MV faz as classificações por 3 critérios diferentes: tamanhos, formas e cores, porém isoladamente.

Quando solicitada para criar jeitos diferentes de separar as fichas, o faz demonstrando dificuldade de comando, assim como na execução do procedimento.

Nível de desenvolvimento 2: Chega a certo reagrupamento das subcoleções sem ainda possuir uma capacidade de antecipação ou previsão de critérios. Ainda tem dificuldade em lidar com critérios objetivos de forma ágil, não conseguindo, na maioria das vezes, encontrar um 2º ou 3º critérios para criar uma nova coleção.

## PROVA PROJATIVA: Planta da minha casa

Registro	Observações do Pp
<p><b>E: Entregue uma folha em branco e um lápis ao entrevistado.</b></p> <p>Eu gostaria que você desenhasse a planta da sua casa</p> <p>S: (Refere-se, de novo, à planta da casa como um vegetal.)</p> <p>E: Explica de novo o conceito de “planta da casa”. É como se você estivesse vendo a sua casa de cima para baixo.</p> <p>S: Eu não consigo pensar.</p> <p>E: Vamos tentar. É como se você tivesse vendo a planta da sua casa. Se você tivesse no céu e olhasse para baixo, para dentro da sua casa, como é que você veria a sua casa? Você vai desenhar a planta da sua casa, está bom?</p> <p>S: Vou desenhar em pé!</p> <p>E: Tá.</p> <p>S: É a sala da casa ou da escola?</p> <p>E: Da casa, da sua casa. Agora você vai fazer a sua casa toda, com todos os cômodos.</p> <p>S: (Fica em pé para fazer o desenho, às vezes na ponta dos pés. Como se pudesse olhar para dentro da própria casa.) Não delimita o espaço dos cômodos. O desenho não apresenta uma sequência dos cômodos. Todos soltos.</p> <p>E: Agora, eu gostaria que você colocasse os nomes de cada cômodo da casa. Agora, de quem é cada quarto?</p> <p>S: Esse daqui é o meu.</p>	<p>Desenho pouco organizado. Pobre em detalhes.</p>

E: Você pode por aí o seu nome? E onde está o quarto dos seus pais? E o quarto da sua irmã?

S: À princípio, não desenha o quarto dos pais nem o da irmã. Só lembra deles depois de perguntada. Desenha os quartos entre o banheiro e o quarto dela. (Faz cara de surpresa por ter esquecido e rir)

E: Você pode por o nome dela? Ponha os nomes dos cômodos!

S: É, é cama. Eu tenho um irmão, mas ele não mora na minha casa. Ele mora com a mãe dele.

E: E os quartos da sua irmã e dos seus pais é assim pertinho do seu?

S: O quarto da irmã fica mais perto do quarto dos pais do que o dela. Diz que o da irmã não é naquele local, mas no lugar original (depois no dela) não cabe – referindo-se ao pouco espaço que ficou na folha. Levanta para demonstrar a posição dos quartos dela e da irmã. Teatraliza as localizações.

S: (Escreve o nome de cada cômodo sem dificuldades)

E: Você tem um quarto só para você?

S: Não responde.

E: E onde as pessoas gostam mais de ficar na sua casa?

S: Na sala.

E: Todo mundo gosta muito da sala?

S: Sim.

E: Você gostaria mais de usar outro quarto?

S: Não, eu sempre gostei do meu quarto.

E: Você gostaria de dividir o seu quarto com outra pessoa?

S: Gostaria, mas não tem nenhuma pessoa para dividir. Quando meu irmão está lá, ele dorme comigo.

E: E você gosta quando ele dorme com você?

S: (responde sim com a cabeça).

E: E você gostaria de dividir o quarto com a sua irmã?

S: Eu gostaria também, mas ela não gosta de dormir comigo.

E: Por que não?

S: Ah, ela só brinca com minhas primas. Não brinca comigo. Não sei porque ela não gosta de brincar comigo.

E: E você gosta de ficar no seu quarto?

S: Gosto. Mexo com as minhas coisas e brinco de escolinha com as minhas bonecas. Fico falando sozinha. Eu falo sozinha dentro do quarto.

E: E quando você não está no quarto, você está onde?

S: Quando eu não estou no quarto, estou na cozinha ajudando a minha mãe: corto salada, machuco algumas coisas, ralo, mexo.

E: E seu pai está onde nessa casa?

S: Na sala tocando violão.

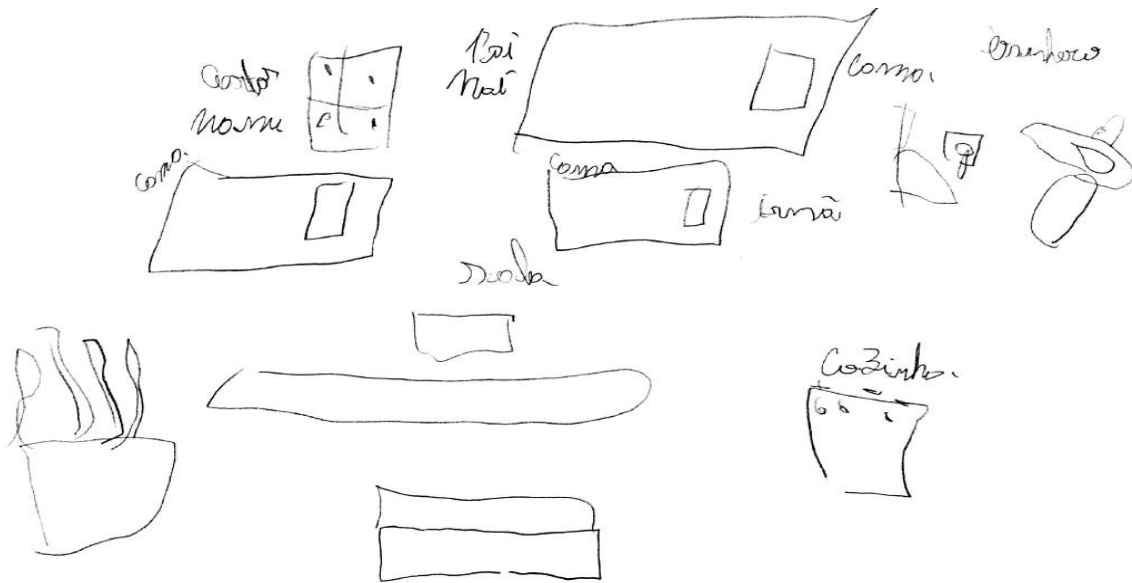
E: E você gosta de ficar ouvindo ele tocar violão.

S: (responde positivamente com a cabeça).

E: E você canta também?

S: Eu não. Tenho vergonha.

## PROVA PROJETIVA: A PLANTA DA MINHA CASA



### ANÁLISE

O desenho é pequeno e ocupa pouco espaço no papel, realizado de forma desorganizada e com cômodos isolados.

Não existe um cuidado com as formas apresentadas nem com os traços utilizados: tortos e desproporcionais, muitas vezes.

Apresenta um desenho confuso, em que alguns objetos são colocados na sala, mas são difíceis de serem identificados. Não existem objetos de enfeites, nem nenhum outro elemento que dê um tom mais aconchegante ao lugar em que MV mora.

Desenha, à princípio, apenas o próprio quarto e só apresenta o quarto dos pais e da irmã quando solicitada. O próprio quarto está distante dos demais, demonstrando um provável distanciamento dos demais membros da família. É o local onde MV brinca só, fala sozinha e estuda sem acompanhamento de um adulto.

A posição do quarto (isolado) de MV dá indícios de uma desvalorização ou rejeição dessa criança por parte da família.

O vínculo que MV estabelece com o meio geográfico em que mora com sua família é pobre e negativo e, conseqüentemente, não pode usá-lo como espaço adequado para realizar aprendizagens em sentido amplo.



## ATIVIDADE PSICOPEDAGÓGICA – Leitura

Registro	Observações do Pp
<p><b>E: Entrega um texto para o sujeito</b></p> <p>Eu gostaria que você lesse esse texto (a fábula <i>O escorpião e a tartaruga</i>) silenciosamente.</p> <p>S: (Encosta-se na cadeira e coloca o texto perto do rosto, segurando com uma das mãos o texto e a outra apoia ora no braço da cadeira ora no próprio rosto. Acompanha a leitura com os olhos. Leva 3:34 para fazer a leitura silenciosa.)</p> <p>E: Agora, MV, eu gostaria que você lesse o texto novamente, mas agora em voz alta.</p> <p>S: (Ler de forma lenta. Tem dificuldade com a pontuação, o que dificulta a entonação. As palavras maiores ou o vocabulário desconhecido provocam lentidão na leitura. Ainda soletra algumas palavras com dígrafos e ditongos. Acompanha a leitura com os olhos. Coloca a mão na cabeça durante toda a leitura. Leva 4:05 para fazer a leitura em voz alta.)</p> <p>E: O que você ficou sabendo dessa história?</p> <p>S: Eu fiquei sabendo que o escorpião pediu carona à tartaruga. O escorpião queria atravessar o rio. Ai a tartaruga tava desconfiada que ele ia picar ela, mas ela concordou com ele que não ia picar. Foi para baixo da água e picou.</p> <p>E: O que o escorpião falou para convencer a tartaruga?</p> <p>S: Falou que não ia picar ela.</p> <p>E: Por que ele não iria picar ela?</p> <p>S: Para ele atravessar o rio. Mas acho que ele não viu arranhando a tartaruga. Ele disse que... na verdade, ele não disse que foi por querer dele, mas eu acho que não foi por querer dele.</p>	<p><i>Observar:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como ela reage a leitura silenciosa e em voz alta</li> <li>- O tempo que ela demora para ler silenciosamente e em voz alta</li> <li>- Acompanha a leitura com o dedo, com os olhos?</li> <li>- Sequência de informações</li> <li>- Dá informações soltas?</li> </ul> <p>Leitura de criança em processo de alfabetização.</p> <p>Vocabulário rico e coerente com o contexto.</p> <p>Sequência narrativa desenvolvida.</p>

<p>E: E por que que você acha que ele fez isso?</p> <p>S: Eu não sei. Eu acho que é porque ele estava distraído pelo fundo para lá e para cá e aí ele <i>pu!</i> Botou a garrinha dele no pescoço da tartaruga e passou o veneno.</p> <p>E: Entendi. Qual o título do texto, Manu?</p> <p>S: É O escorpião e a tartaruga.</p> <p>E: E o que você pensa sobre essa história?</p> <p>S: Ela é muito legal, porque ela é muito divertida.</p> <p>E: Qual foi a parte (da história) que você achou divertida?</p> <p>S: Foi a parte que ele estava tentando convencer a tartaruga a levar ele, atravessar o rio. Eu gostei dessa história.</p>	
--	--

## TEXTO

### O escorpião e a tartaruga

Querendo atravessar um rio, o escorpião, que não consegue nadar, perguntou à tartaruga:

– Posso atravessar esse rio agitado em suas costas?

– Você está louco? – respondeu a tartaruga – você me picará enquanto eu estiver nadando e me afogarei.

– Querida tartaruga, – respondeu o escorpião – se eu fosse picar você então o que disse seria uma verdade. Entretanto, eu iria com você para o fundo do rio. Ora, que lógica tem isso?

Depois de um momento de reflexão, a tartaruga convencida pelo escorpião, concordou em transportá-lo.

– Sobe, disse ela.

O escorpião subiu no casco da tartaruga e ela se jogou na água. Quando estava atingindo o meio do rio, o escorpião deu-lhe uma impiedosa ferroadada. O veneno agiu quase que de imediato paralisando a tartaruga que não conseguiu mais nadar e começou a ir para o fundo, levando junto seu passageiro.

Com ar de zanga, voltando-se para o escorpião, a tartaruga disse:

– Quero lhe perguntar uma coisa: você disse que não havia lógica em você me picar. Por que o fez?

– Não tem nada que ver com a lógica, – respondeu ele – é simplesmente a minha natureza.

## ANÁLISE

MV demonstra consciência fonêmica, apesar de apresentar ainda dificuldades com alguns sons da língua que se distingue da escrita: dígrafos e encontros consonantais, por exemplo.

Há uma memória fonológica, o vocabulário mesmo desconhecido foi compreendido, a consciência fonológica e o sequenciamento de fatos, tempo e espaços foram demonstrados.

MV apresenta, algumas vezes, leitura silábica, própria do processo de alfabetização.

Soube explicar o que havia lido, em sequência lógica e estruturada. Ao ser questionada sobre o conteúdo do texto, soube responder todas as perguntas de forma satisfatória para a sua faixa etária.

## 2º SISTEMA DE HIPÓTESES

- Estágio de pensamento: Em transição do pré-operatório para operatório concreto.
- Desenvolvimento cognitivo não está de acordo com a faixa etária.
- Aprendizagem por assimilação.
- Vínculo positivo com a arte.
- Grande desenvoltura ao lidar com os materiais oferecidos, mesmo os relacionados ao ambiente escolar.
- Dificuldade de entendimento das consignas mais complexas.
- Alto grau de atenção e concentração na execução das atividades.
- Apresenta facilidade de comunicação oral, porém, nem sempre responde de forma lógica e sequencial ao que lhe é perguntado.
- Expõe suas ideias vontades e desejos sem constrangimento.
- Fala muito durante a sessão, oscilando entre o pensamento real e imaginário.
- Demonstra ser criativa, persistente e ter paciência e iniciativa.
- Não apresenta resistência à leitura, e demonstra ter estratégias ao se deparar com alguma dificuldade (palavras novas, vocabulário com dígrafos, palavras grandes).
- Distanciamento nas relações familiares mais próximas (pai, mãe e irmã).

## ANAMNESE

Registro	Observações do Pp
<p>E: Hoje vamos fazer um apanhado das informações a respeito da vida de MV. O que vocês podem nos contar sobre o nascimento dela?</p> <p>Mãe: Nós tínhamos receio de ter um segundo filho. Porém, eu queria muito e planejamos ter MV em setembro. Mas quando chegou setembro, ele disse que era pra esperar mais, mas aí, eu prossegui e engravidei. Ele ficou chateado, mas depois aceitou.</p> <p>E: Como foram as expectativas do casal e da família?</p> <p>Mãe: Como eu disse, né... Ele não queria mas depois aceitou, todo mundo ficou muito feliz e MV foi planejada, sim.</p> <p>E: Como foi o parto? Transcorreu tudo tranquilo?</p> <p>Mãe: Teve demora de atendimento. Eu fui pra clínica, alí no IPERBA dia 18 às 17h30min, mais ou menos. A bolsa já tinha rompido, mas me deixaram lá esperando. Só na troca de plantão, houve o parto. MV nasceu na terça, no dia 19 às 8h da manhã. Eu tive desidratação e era pra tomar duas medicações, mas eles só me deram uma. E, acho que por conta disso, MV nasceu com glicemia baixa.</p> <p>Aí, depois de alguns dias em casa, ela apareceu com algumas placas pelo corpo. Levei no médico e aí disseram que ela tava com intolerância a lactose. Aí, a médica ensinou a como inserir o leite aos poucos.</p> <p>E: Alguma doença marcante nesse primeiro ano de vida?</p> <p>Mãe: Ela ficou internada quando ela tinha 3 anos só. Estava com febre alta. Levamos para a emergência e aí disseram que ela tava com infecção.</p> <p>E: As aquisições do desenvolvimento motor (engatinhar, andar, falar...), da linguagem e de hábitos (alimentação...) foram feitas por MV no momento esperado ou estas foram precoces ou retardadas?</p>	<p>Mesma época que o avô estava hospitalizado. Pais não acreditam que pode ter sido questão emocional.</p>

<p>Mãe: Com 1 ano ela já estava andando. Ela engatinhou primeiro e depois andou. Mas eu não lembro quando ela começou a falar.</p> <p>Pai: Mas ela demorou pra falar, trocava as palavras, assim...</p> <p>Mãe: Mas isso é coisa de criança normal.</p> <p>E: Quem ficava com MV quando ela era pequena?</p> <p>Mãe: Com um mês, eu voltei a trabalhar. Por que você sabe né, sou autônoma e precisava ganhar dinheiro. Aí, ela ficou com a minha cunhada até os sete meses. Depois, ela ficou uma prima minha por mais um tempo. Aí, minha prima precisou voltar para o interior e contratei uma pessoa pra ficar com ela. Mas ela era descuidada. Ela não dava banho em Manu e não fazia as coisas com a menina. Aí, eu decidi trabalhar só um turno. No outro, quem ficava com ela era Ayala (irmã).</p> <p>E: Como foi o 1º aninho de vida de MV?</p> <p>Mãe: Ela foi uma criança normal assim... Não mostrava nada diferente, não. A não ser na escola, que a professora dizia que ela não acompanhava o grupo, mas aí era quando ela já tinha 3 anos.</p> <p>E: MV era curiosa quando pequena? Vocês respondiam aos seus questionamentos? E deixavam que ela descobrisse e manuseasse alguns objetos?</p> <p>Mãe: A gente deixava sim. Mas ela não fazia muita pergunta não.</p> <p>E: Como MV lidou com as mudanças de casas e de escolas?</p> <p>Mãe: Foi meio tumultuado por que era difícil organizar os horários de MV com o nosso. Teve uma época que ela ficava na casa do meu irmão, ou da minha prima de manhã e de tarde ia pra escola. Depois, meu marido pegava ela, e depois ia me pegar no salão. Aí, a gente ficava na casa do meu irmão, por que ele (o marido) tinha ensaio da banda a noite e só depois a gente ia pra casa. Mas esse ano agora, estamos mais organizados.</p> <p>E: O que vocês podem nos falar a respeito das</p>	<p>Pais acreditam que Manuella é tímida por que ela não fala muito com eles. Mas se surpreende quando as pessoas dizem que ela fala bastante. Diz não saber por que ela age diferente com eles.</p> <p>Pouco estímulo na primeira infância?</p> <p>A mãe se não se recorda de MV ter tido a fase dos “por quês”.</p>
---	--

experiências escolares pelas quais MV passou?

Pai: Eu acho que ela se dá bem com os colegas. Ela não tem muitos amigos, não. Mas, senti falta dos colegas da escola antiga. Mas na escola, a professora sempre dizia que ela não acompanha o grupo. Mas hoje, eu acho que ela tá mais esforçada.

Mãe: É, ela fica preocupada em me deixar triste. E quando eu pergunto por que a letra tá feia, ela diz que é por que a professora apaga o quadro rápido.

E: Quais tipos de estimulação cultural com os quais ela conta (tv, livros, revistas...)?

Mãe: Em casa, nada. Por que a gente trabalha o dia inteiro. Só a escola mesmo. A gente tinha o hábito de ir ao cinema, mas tem um bom tempo que a gente não vai. Mas eu sempre mando ela ler. Até quando me perguntam que presente deve dar a ela, eu digo que é pra dar livro.

E: E o processo de alfabetização? Qual foi o método? E o desenvolvimento dela nesse processo?

Mãe: Foi sempre na naquela dificuldade. A professora dizendo que ela era mais lenta e não acompanhava o grupo. Mas no dia da formatura da alfabetização, ela surpreendeu a todo mundo. Até a diretora falou no microfone que ela era uma menina super tímida, mas que naquele dia tinha dado um show. Ela leu um texto inteiro. A gente também se surpreendeu. Tenho até um vídeo aqui. (Mostra parte do vídeo).

E: O que é a escola para vocês?

Pai: É um auxílio, né? É a continuidade da casa. Mas assim, a escola só faz uma parte. A de ensinar as coisas, né?

E: Por que vocês escolheram essa escola?

Mãe: No bairro em que a gente mora, é uma das melhores (se refere a estrutura e ensino) e a minha filha A estudou lá também. A única coisa que a gente não gosta muito é a dificuldade em falar com a professora. Sempre tem que marcar antes.

E: O ambiente escolar propicia trocas?

Não há motivação para leitura ou atividades educativas na família. Os pais acreditam que MV perde o interesse facilmente e por isso, não a estimulam nas atividades.

Pais não acreditam no potencial de MV e consideram a timidez como traço negativo de personalidade.

<p>Mãe: Lá eles fazem uns projetos e acho que isso é legal pra MV.</p> <p>E: O que o senhor acha que MV faz bem? E a senhora, o que acha que ela faz bem?</p> <p>Pai: (Demora a responder). Carinho com a mãe. Acho bonito da parte dela. Ela é bondosa com a mãe. E ela escuta bem as coisas quando ela quer.</p> <p>E: E a senhora?</p> <p>Mãe: (Demora a responder). São tantas coisas. Tô perdida... Ela é carinhosa... Brincar de boneca. Se deixar ela passa o tempo inteiro brincando com as bonecas. Gosta de cozinhar e me ajudar também. É muito prestativa.</p> <p>E: MV é autônoma ou depende de vocês para realizar tarefas básicas?</p> <p>Mãe: Aí tem que mandar ela fazer. Ela sabe que não pode deixar calcinha no banheiro, toalha em cima da cama, mas não tem jeito. Todo dia eu reclamo porque ela deixa tudo fora do lugar.</p> <p>E: Quais são as tarefas de MV em casa?</p> <p>Mãe: Não tem nada assim estabelecido não. Ela faz quando eu mando.</p> <p>E: Como MV lida com a frustração?</p> <p>Pai: Ela fica triste. Às vezes, reclama, mas dependendo da bronca, ela vai pro quarto e não fala nada.</p> <p>E: Ela já sabe lidar com dinheiro? Como?</p> <p>Mãe: Ela compra as coisas na escola, só. Acho que não tem problema, não.</p> <p>E: Como é a relação de MV com a família?</p> <p>Pai: Ela se dá super bem com todo mundo. Com os avós, então, é um carinho só. Mas a com a irmã é que nem gato e cachorro. A irmã é quem fica com ela um tempo e é quem manda ela fazer as coisas. Mas MV obedece. Agora quando eu chego em casa, começa a confusão das duas.</p> <p>E: E a relação dela com o irmão? Ele é carinhoso com ela?</p>	<p>MV passa maior parte do tempo brincando com a bonecas, com as quais, ela estabelece um “diálogo”.</p> <p>Ciúme da irmã?</p>
---	--

Mãe: Ele é muito carinhoso com ela, sim. Ele tem mais paciência com MV. Mas também, eu acho que é por que ele não mora com a gente e aí, só vai lá no final de semana.

E: E a relação da família com ela?

Mãe: Todo mundo gosta dela, mas eu sinto que a família dele (a do pai) dá mais preferência aos outros netos.

E: Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de nos contar a respeito de MV?

Mãe: Deixa eu ver... tem uns 15 dias que MV não dorme na cama dela. Coloca um colchão no meu quarto e dorme lá com a gente. Ela sempre arruma uma desculpa pra dormir lá... Claridade do quarto, ou o quarto tá muito quente, é sempre uma coisa diferente. Ela também não gosta que eu tenha contato com outra criança. Sempre tem ciúme. E ela diz que tem medo que eu morra. Quer sempre estar perto de mim.

Pai: Comigo, ela às vezes, se interessa pela música. Eu fico tocando, a irmã canta e MV, de vez em quando, canta junto. Até um dia ela se interessou pra aprender a tocar violão, mas depois, deixou pra lá. Por que pra aprender tocar um instrumento tem que se dedicar, né? E eu acho que MV não se dedica, não.

E: mais alguma coisa que vocês lembrem?

Mãe: Não, acho que é só isso.

E: Tudo bem, então. Obrigada por terem vindo. Vamos agora analisar o que foi dito para podermos confirmar as nossas hipóteses com relação a MV.

## ANÁLISE

A anamnese transcorreu de forma tranquila. Pai e mãe compareceram ao encontro e se mostraram dispostos a responderem as perguntas sobre MV.



A mãe dominou a maior parte da entrevista, dando mais informações sobre a filha. O pai complementava as respostas, mas de forma breve e com poucas palavras.

Observa-se um certo desconhecimento sobre o processo de desenvolvimento de MV. Ambos pareceram confusos ao serem solicitados a responder alguma coisa sobre o assunto. Mas se esforçam e respondem de forma satisfatória.

Durante a conversa, eles demonstraram reconhecer que MV precisa de mais tempo com eles. Demonstram preocupação com o processo de aprendizagem da filha.

### 3° SISTEMA DE HIPÓTESES

- Estágio de pensamento: Em transição do pré-operatório.
- Desenvolvimento cognitivo não está de acordo com a faixa etária.
- Aprendizagem por assimilação.
- Vínculo positivo com a arte.
- Grande desenvoltura ao lidar com os materiais oferecidos, mesmo os relacionados ao ambiente escolar.
- Dificuldade de entendimento das consignas mais complexas.
- Alto grau de atenção e concentração na execução das atividades, porém demonstra cansaço quando precisa repetir alguma atividade.
- Apresenta facilidade de comunicação oral, porém, nem sempre responde de forma lógica e sequencial ao que lhe é perguntado.
- Expõe suas ideias vontades e desejos sem constrangimento.
- Fala muito durante a sessão, oscilando entre o pensamento real e imaginário.
- Demonstra ser criativa, persistente e ter paciência e iniciativa.
- Não apresenta resistência à leitura, e demonstra ter estratégias ao se deparar com alguma dificuldade (palavras novas, vocabulário com dígrafos, palavras grandes).
- Distanciamento nas relações familiares mais próximas (pai, mãe e irmã).
- Ausência de referências de aprendizagens.

## INFORME PSICOPEDAGÓGICO

Nome: MV

Sexo: Feminino

Data de nascimento: 19/05/2009

Idade: 8 anos

Escolaridade: 3º ano do Ensino Fundamental

Escola: LINCE

Este Informe Psicopedagógico tem como objetivo dar resultado da avaliação psicopedagógica realizada com **MV**. Nesta, foram investigadas as causas das suas dificuldades de aprendizagem, da sua falta de atenção e do seu baixo rendimento escolar.

A avaliação foi desenvolvida em cinco sessões de 50 minutos cada durante o período de 26/05/17 a 12/06/17. Foram aplicados os seguintes instrumentos fundamentados na Epistemologia Convergente:

- EOCA – Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem
- Provas Operatórias Piagetianas
- Provas Projetivas Psicopedagógicas
- Atividades de compreensão leitora
- Anamnese

Através das atividades desenvolvidas, pudemos observar que **MV** é uma menina inteligente, extrovertida, espontânea, gentil, atenta e receptiva às atividades que lhe foram propostas. Apresenta iniciativa, organização e criatividade. Em alguns momentos, demonstra necessidade de atenção e aprovação quanto ao que faz. Demonstrou ser pouco curiosa, fazendo poucas perguntas durante todo o processo. Observou-se, também, o estabelecimento de um vínculo positivo com o trabalho que estava sendo desenvolvido e não demonstrou um vínculo frágil com a aprendizagem, apesar da falta de sistematização de alguns conceitos.

**MV**, porém, demonstrou dificuldade nas atividades que exigiam reflexão e análise. Ela ainda se baseia no que vê, e a sua lógica contradiz a percepção. Postula a identidade, mas ainda não sabe explicar por quê. Não sabe argumentar justificando a sua resposta, porque não compreende o processo. Ela encontra-se no estágio cognitivo Pré-Operatório (pensamento global), com relação ao raciocínio lógico do pensamento, quando já deveria, para a faixa etária e série escolar, estar no Operatório Concreto.

Possui uma leitura ainda em nível silábico com alguma dificuldade na pontuação. Soube explicar o que havia lido em uma sequência lógica e estruturada. Ao ser questionada sobre o conteúdo do texto, soube responder todas as perguntas de forma satisfatória para a sua faixa etária. A escrita ainda é desorganizada. Os textos são simples, sem boa estrutura de frases, ortografia e pontuação.

Em referência ao vínculo familiar, observa-se que há mais necessidade de trocas de conhecimento e interação. Percebe-se também a necessidade de uma organização da rotina de **MV** para que ela possa desenvolver a sua autonomia com relação às atividades em casa e no ambiente escolar. Nota-se também a ausência de vínculos com colegas e amigos no seu dia a dia.

Assim, considerando a avaliação desenvolvida, seus resultados, e a importância de proporcionar condições para a aquisição de um melhor nível de aprendizagem, vemos para **MV** a necessidade de um acompanhamento psicopedagógico que lhe dê suporte para a aquisição de habilidades ainda não devidamente sedimentadas e, em consequência, avançar no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Recomendamos, também, a continuação do trabalho psicológico a fim de investigar as suas relações interpessoais.

Salvador, 14 de junho de 2017

Alunas do curso de Especialização em Psicopedagogia – Escola Bahiana de Medicina

**Eneida Santana e Leila Nascimento**

Prof<sup>a</sup> Orientadora - **Jozélia Abreu**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou fazer uma discussão a partir dos pressupostos da Epistemologia Convergente, uma vez que conhecer essa teoria foi também entender o sujeito aprendente e as formas de aprendizagens. Acrescenta-se a isso o não aprender.

Teoria complexa e que visa identificar no próprio sujeito as suas potencialidades e suas formas de lidar com as possíveis lacunas, a Epistemologia convergente assegura uma metodologia eficaz e assertiva. Não é no não aprender que se foca nessa concepção, e, sim, no como é possível aprender a partir daquilo que já está assegurado pelo sujeito.

O trabalho do psicopedagogo que opta por usar a Epistemologia Convergente é ressignificar, redimensionar as estruturas mentais do sujeito. E para tal, a reelaboração da aprendizagem é construída a partir do nível de estrutura cognitiva já existente, com percepções dos vínculos já estabelecidos, daqueles que estão fragilizados e precisam de fortalecimento, além de todos os fatores que se façam necessários para cumprir o papel da aprendizagem significativa e possível.

Apesar da constatação de que os vários fatores internos e externos interferem na aprendizagem, ficou claro durante a análise dos aportes teóricos, que o ato de aprender, embora sofra diversas influências, é extremamente individual, já que cada sujeito aprende da forma como pode, no seu tempo, no seu ritmo.

Valorizar o sujeito aprendente, acolher a construção já estabelecida e usá-la como ponto de partida para novos avanços, é um desafio para a psicopedagogia. Mas se levarmos em consideração que, o profissional que se instrumentalizou da Epistemologia Convergente, já tem o diferencial de partir dos aprendizados do sujeito para levá-lo até o possível, a tarefa passa a ser mais competente e qualificada. É a oportunidade de, junto com o aprendiz, utilizar suportes para as suas necessidades cognitivas, afetivas, sociais e pessoais.

Os estudos realizados no curso de especialização, a avaliação diagnóstica executada com uma criança de oito anos e todo o acompanhamento durante a supervisão servem de elementos para que se possamos entender que o trabalho do psicopedagogo se faz em parceria com o sujeito com dificuldade de aprendizagem. E que o domínio das técnicas que serão aplicadas, a sensibilidade de entender os sintomas apresentados pelo sujeito em atendimento e a disposição para contornar as questões emergentes farão toda a diferença no processo de ressignificação do sujeito aprendente.

Assim, as interseções e análises da prática psicopedagógica pautadas na Epistemologia Convergente passam pelo sujeito, pela aprendizagem no seu sentido mais amplo, pelo compromisso da família, pelo entendimento dos fatores externos influenciando o aprender e pelo entendimento de que o conhecimento do profissional, a sua base teoria e a sua prática coerente são fatores determinantes para o êxito da psicopedagogia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. *A psicopedagogia e o momento de aprender*. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2011. (Edição digital)

FERNANDEZ, Alícia. *A inteligência aprisionada – abordagem clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

OLIVEIRA, Vera de Barros. *A compreensão de sistemas simbólicos*. In: OLIVEIRA, V. Barros et al. *Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos*. Petrópolis: vozes, 2013.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PEREIRA, Débora Silva de Castro. *O ato de aprender e o sujeito que aprende*. Faculdade de Educação, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2010. Acessado em: 2017-07-15.

PIAGET, J. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda, 1990, p.12.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1995, p.51.

VISCA, Jorge. *Clínica Psicopedagógica – Epistemologia Convergente*. 2ª ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Diagnóstico operatório na prática psicopedagógica*. Parte I, 2ª ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mosaico Psicopedagógico – textos e reflexões*. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. *Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação*. 5ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Visca & Visca Ediciones, 2015.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2012.